



JUPIC

Justiça e Paz se abraçarão!

**Subsídios para grupos de reflexão,
Missionários do Verbo Divino
Provincia Brasil Norte**

Pe. Ozanan Carrara,svd (Org.)

2013



Copyright@2013

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação do copyright (Lei no 9.610/98)

Logo da capa: Guilherme Andrino, svd

Projeto gráfico do miolo e diagramação: Voilà! Estúdio Criativo

Impressão: Juizforana Gráfica e Editora

SUMÁRIO

Orientações gerais para os coordenadores	05
Encontro I - A dimensão sócio-política da evangelização	07
Encontro II - Meio ambiente e sustentabilidade	15
Encontro III - As causas da crise ambiental	23
Encontro IV - Por um desenvolvimento sustentável!.....	31
Encontro V - Por uma nova cosmologia!.....	39
Encontro VI - Por uma sustentabilidade integradora!	47
Encontro VII - Os sofrimentos da Terra.....	55
Encontro VIII - A questão agrária brasileira	63
Encontro IX - Meio ambiente e mineração	71
Encontro X - Por uma cultura de paz	79
Encontro XI - A violência e o tráfico	87
Encontro XII - Espiritualidade e missão verbita	95

Serviço de JUPIC

Missionários do Verbo Divino (SVD)

Província Brasil-Norte

Comunidade SVD: Rua Redentor, 32 - Paineiras - 36.016-070 - JUIZ DE FORA - MG

Pe Ozanan Carrara, svd (Org.)

Contato: jupicnortesvd@yahoo.com.br

ORIENTAÇÕES GERAIS PARA OS COORDENADORES

1. Este livreto foi feito para oferecer subsídios para grupos de reflexão sobre Justiça, Paz e Integridade da Criação (Jupic) nas paróquias e escolas verbitas e, eventualmente, das SSPS.
2. Seu conteúdo não é acessível para todos, devendo os coordenadores de grupos passar por um treinamento tanto de conteúdo quanto de metodologia, antes de usá-lo.
3. Os coordenadores têm a tarefa de usá-lo com criatividade e dinamismo, tornando os encontros agradáveis e participativos. Para isso, recomenda-se o uso de recursos como cartazes, desenhos, recortes de jornais e revistas, datashow onde for possível, arranjo adequado das salas de reunião em círculo para facilitar a interação e o diálogo.
4. Sugere-se a divisão de tarefas entre leitores, cantores, dramatizadores quando possível, favorecendo a participação de todos.
5. O conteúdo precisa ser preparado com antecedência pelo (s) coordenador (es) que se familiarizará (ão) com o conteúdo, discutindo com outros a forma mais dinâmica e criativa de apresentá-lo e discuti-lo com os demais membros do grupo.
6. O conteúdo destina-se aos membros de pastorais sociais, grupos de direitos humanos e envolvidos com movimentos sociais e outros interessados na temática da Justiça e da Paz.
7. Trata-se de um serviço oferecido pela coordenação de JUPIC da SVD para aprofundar a dimensão sócio-política da evangelização. Façam bom uso desse material e nos deem um retorno com suas sugestões e críticas construtivas que nos ajudem a preparar outros.

Pe Ozanan Carrara, svd



ENCONTRO I

*A dimensão sócio-política da
evangelização*





“Como a terra faz desabrochar seus rebentos e como um jardim faz germinar suas sementes, Deus faz germinar a justiça e o louvor diante de todas as nações” (Is. 61,11).

1. INTRODUÇÃO

(Preparar o ambiente com símbolos e objetos relacionados ao tema! Organizar o ambiente em círculo para facilitar a interação!)

Leitor 1. Quando falamos de Justiça e Paz dentro da Igreja tocamos em aspectos espinhosos que dizem respeito à sociedade e à política, sendo muitas vezes pouco compreendidos. Alguns chegam mesmo a achar que Religião e Política não se misturam, devendo cada uma permanecer em seu próprio campo sem intervir no campo da outra. Mas será mesmo assim? É possível viver nossa fé sem que ela nos questione quanto aos problemas sociais e políticos que estão à nossa volta? Como Jesus se posicionou diante da sociedade e da política da época?

Leitor 2. A JUPIC (Justiça, Paz e Integridade da Criação) é a dimensão da evangelização que se ocupa da transformação da sociedade, tendo em vista a construção do projeto do Reino de Deus tal como ele nos foi apresentado por Jesus. Os Missionários do Verbo Divino e as Irmãs Servas do Espírito Santo (SSpS) elegeram-na como parte fundamental de seu serviço evangelizador, admitindo não ser possível evangelizar sem transformar as estruturas injustas da sociedade. Já o saudoso Papa Paulo VI afirmava: *tomar a sério a política... é afirmar o dever do homem, de todos os homens, de reconhecerem a realidade concreta e o valor da liberdade de escolha, que lhes é proporcionada para procurarem realizar juntos o bem da cidade, da nação, da humanidade... Sem resolver todos os problemas, esforce-se a política por fornecer soluções ao relacionamento dos homens entre si”* (AO, nº 46).

Leitor 3. Se pensarmos na política apenas como a ação planejada e

estratégica do Estado, de governos e instituições sociais, permaneceremos numa compreensão muito estreita do que vem a ser a política. Podemos então ampliar o seu sentido, abrangendo todas as atividades e a realidade da vida em sociedade. Ela não se reduz à ação dos que buscam e exercem o poder e o domínio sobre os outros, mas deve, acima de tudo, incluir as lutas e os esforços de todos os homens que almejam construir formas de convivência nas quais o ser humano possa desenvolver todas as suas potencialidades.

Leitor 4. Não são poucas as pessoas que sentem repulsa pela política diante dos constantes escândalos de abuso de poder, corrupção, privilégios descabidos, desvios do dinheiro público, mas simplesmente nos omitir ou fugir da política ocasionaria uma grave omissão com sérias conseqüências para todos nós. Nenhum de nós pode alcançar realização pessoal e humana apenas através de um projeto de vida individual. Daí a necessidade de uma comunidade mais ampla junto à qual cada um poderá colaborar para o bem comum. Além disso, só numa comunidade política poderemos alcançar o ideal do convívio e da amizade entre todos os homens e mulheres. Ainda lembrando Paulo VI, *a política é uma maneira exigente – se bem que não a única – de viver o compromisso cristão do serviço dos outros”* (AO, nº 46).

2. PALAVRA DE DEUS: Lc. 4, 16-21.

“Ele veio a Nazaré, onde tinha sido criado. Entrou, segundo o seu costume, no dia de sábado na sinagoga, e levantou-se para fazer a leitura. Deram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, encontrou a passagem onde está escrito: *O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me conferiu a unção para anunciar a boa nova aos pobres. Enviou-me para proclamar aos cativos a libertação e aos cegos, a recuperação da vista, para despedir os oprimidos em liberdade,*





para proclamar um ano de acolhimento da parte do Senhor. Enrolou o livro, entregou-o ao servente e se assentou: todos na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Então ele começou a lhes dizer: “Hoje, esta escritura se realizou para vós que a ouvis”.

As cinco metas que Jesus apresenta como fundamentais no serviço de evangelização:

1. Devolver a vista aos cegos.
2. Proclamar a liberdade aos cativos.
3. Libertar os oprimidos.
4. Levar a boa notícia aos pobres.
5. Anunciar o tempo da graça.



3. PALAVRA DA IGREJA

“A experiência no mundo da política tem-se revelado difícil aos leigos cristãos. Devido ao preconceito, muito comum, que considera a política como algo sujo, as comunidades cristãs nem sempre confiam naqueles que, mesmo saindo de seu meio, assumem esta tarefa na sociedade civil. Muitos se queixam de que ao assumirem uma opção político-partidária, se sentem abandonados pela comunidade cristã de origem. No entanto, há os que assumem esta tarefa conscientes de que são portadores de uma radicalidade evangélica que não pode ser instrumentalizada, submetida, anulada. Cabe

às comunidades cultivarem atitudes concretas de apoio, acompanhamento e formação permanente aos que despertam para essa vocação”.

“A transformação da sociedade não será possível sem as transformações das estruturas de poder hoje existentes. Por isso, além da saudável e necessária participação de cristãos na política partidária, é necessário incrementar os grupos de reflexão e de acompanhamento das atividades políticas, exercendo cada vez mais a aproximação entre o compromisso de fé e o exercício da justiça por meio dos organismos de representação popular. Os grupos de fé e política devem ser incentivados e preparados para, entre outras atividades, acompanhar criticamente os trabalhos do legislativo local, fiscalizar a execução do orçamento público, elaborar projetos de lei de iniciativa popular, sensibilizar a opinião pública, divulgar relatórios sobre as atividades de vereadores e deputados, bem como dos responsáveis pelo Executivo”. (CNBB, *Missão e Ministérios dos Cristãos leigos e leigas*, São Paulo: Paulinas, 1999, págs. 101-102).

4. DE OLHO NA REALIDADE!

Dividir em grupos de três ou quatro pessoas para reflexão, durante uns vinte minutos, a partir das questões abaixo:

- a) Como percebemos a dimensão política de nossa fé cristã?
- b) Nossa comunidade está consciente de que a evangelização e a vivência cristã têm conseqüências sociais e políticas?
- c) Quais as realidades locais que exigem de nós um posicionamento social e político?

A seguir, colocar em comum o resultado da reflexão nos pequenos grupos.





5. PARA REFLETIR!

(Ler pausadamente o poema, deixando-se questionar por suas palavras!)

Primeiro levaram os negros,
Mas não me importei com isso.
Eu não era negro.

Em seguida, levaram alguns operários,
Mas não me importei com isso.
Eu também não era operário.

Depois prenderam os miseráveis,
Mas não me importei com isso
Porque eu não sou miserável.

Depois agarraram uns desempregados,
Mas como não tenho meu emprego
Também não me importei.

Agora estão me levando
Mas já é tarde.

Como eu não me importei com ninguém,
Ninguém se importa comigo.
(Bertold Brecht, 1898-1956)



6. MOMENTO DE ORAÇÃO.

Após um momento de preces espontâneas, concluir com a oração da CF/2000.

Ó Deus, que nos criaste à tua imagem, diante de Ti trazemos as vítimas deste nosso país, vítimas de um sistema que exclui pobres, índios, negros, mulheres e crianças.

Senhor, eis-nos aqui, pedindo perdão por todas essas exclusões das quais também somos culpados.

Senhor, eis-nos aqui, pedindo a tua graça para resgatarmos a dignidade humana ferida e construirmos um novo milênio de fraternidade e de paz.

Por Jesus Cristo, Nosso Senhor ressuscitado, que por seu calvário venceu todos os calvários. Amém!

7. CANTO: UTOPIA DE ZÉ VICENTE.

(Antes de sair, combinar dia, hora e local assim como quem será o dirigente do próximo encontro!)





Justiça e paz se abraçarão



ENCONTRO II

*Meio ambiente e
sustentabilidade*





*E Deus viu tudo quanto havia feito e achou
que era muito bom (Gn. 1,31).*

1. INTRODUÇÃO

(Preparar o ambiente com símbolos e objetos relacionados ao tema. Organizar as cadeiras em círculo para facilitar a participação de todos!)

Leitor 1. O tema que tem dominado as discussões dos cientistas, filósofos, teólogos, ecologistas e muitos outros profissionais, neste início do século XXI, é a questão ambiental. Nunca antes na história a humanidade se viu diante da possibilidade concreta de sua própria destruição como agora. A ONU lançou a Carta da Terra como uma chamada séria sobre os riscos que pesam sobre o planeta, num esforço de traçar metas e princípios, além de construir novos valores, aceitos por todos os homens e mulheres de todas as nações e culturas, com vistas a uma outra forma de convivência mais respeitadora da natureza. O texto começa com o seguinte alerta: *Estamos diante de um momento crítico da história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro [...]. A escolha é nossa e deve ser: ou formar uma aliança global para cuidar da Terra e cuidar uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a destruição da diversidade da vida.*

Leitor 2. A Carta terminava com as seguintes palavras: *Como nunca antes na história, o destino comum nos conclama a buscar um novo começo. Isto requer uma mudança na mente e no coração. Requer, outrossim, um novo sentido de interdependência global e de responsabilidade universal. Devemos desenvolver e aplicar com imaginação a visão de um modo de vida sustentável nos níveis local, nacional, regional e global.*

Leitor 3. O alerta da Carta acima se justifica diante da predominância do modo de produção industrialista, consumista, poluidor que se implantou em todo o planeta, nos últimos séculos. Estados e governos perderam o controle sobre o mercado, deixando-o entregue às próprias leis. O resultado disso tudo foi que tudo se transformou em mercadoria: água, terra, natureza, animais, alimentos e até as pessoas. A política se rendeu às exigências do mercado. Um pequeno grupo de pessoas acabou formando um conglomerado de multinacionais em que os 20% mais ricos consomem 82,4% das riquezas da terra ao passo que os 20% mais pobres ficam com apenas 1,6% das riquezas. E o que é mais escandaloso ainda: 1% dos estadunidenses ganha o correspondente à renda de 99% da população, segundo dados de Noam Chomsky.

Leitor 4. O modo de produção capitalista incentiva a acumulação, resultando no domínio da natureza e na extração de todos os recursos naturais na forma de bens e serviços. As mais sofisticadas tecnologias têm sido desenvolvidas para extrair o petróleo, o gás ou mesmo para a extração de minérios, comprometendo o equilíbrio ambiental e ameaçando o ecossistema. O uso de agrotóxicos e pesticidas afeta os lençóis freáticos e contamina os alimentos cultivados nessas terras. Espécies animais e vegetais encontram-se ameaçadas de extinção devido à perda de seus habitats naturais trazida pelo desmatamento e pela destruição de florestas em nome dos interesses do agronegócio e dos pecuaristas. Assim, o planeta sofre as conseqüências de nossas agressões no solo, no subsolo, nos mares e rios, nas montanhas, nas florestas, no ar e por toda parte onde a vida humana, animal e vegetal se encontra ameaçada. Os mais ricos (7% da população mundial) emitem 50% dos gases que causam o efeito estufa enquanto os mais pobres (50% da população mundial) são responsáveis por apenas 7% da emissão de gases causadores do aquecimento global.

Leitor 5. Por tudo isso, a saúde do planeta Terra depende então de mudanças radicais em nosso modo de extrair, produzir e utilizar os recursos minerais e vegetais, de produzir energia e combustíveis, exige mudanças em nosso modo de viver, de morar, de consumir além de sermos convidados a reelaborar nosso próprio modo de ver e nos relacionar com a mãe natureza. Nosso planeta está





deixando de ser sustentável. Faz-se necessário levarmos a sério os imperativos da sustentabilidade.

Leitor 6. Boff assim define a sustentabilidade: *o conjunto dos processos e ações que se destinam a manter a vitalidade e a integridade da Mãe terra, a preservação de seus ecossistemas com todos os elementos físicos, químicos e ecológicos que possibilitam a existência e a reprodução da vida, o atendimento das necessidades da presente e das futuras gerações, e a continuidade, a expansão e a realização das potencialidades da civilização humana em suas várias expressões.* (Boff, Leonardo. *Sustentabilidade. O que é – O que não é.* Petrópolis: Vozes, 2012, p. 14).

2. PALAVRA DE DEUS:

Gn. 1, 24-25.29-31.

E Deus disse: “Que a terra produza seres vivos segundo a sua espécie; animais grandes, animais pequenos e animais selvagens segundo a sua espécie”. Assim aconteceu. Deus fez os animais selvagens segundo a sua espécie, os animais grandes segundo a sua espécie e todos os animais pequenos do solo segundo a sua espécie. Deus viu que isso era bom.

Deus disse: “Eu vos dou toda erva que produz a sua semente sobre toda a superfície da terra e toda árvore cujo fruto produz a sua semente; tal será o vosso alimento. A todo animal da terra, a todo pássaro do céu, a tudo que rasteja sobre a terra e que tem sopro de vida, eu dou como alimento toda erva que amadurece. Assim aconteceu. Deus viu tudo o que havia feito. Eis que era muito bom



3. PALAVRA DA IGREJA

“Diante da crescente devastação da natureza, brota do profundo do coração humano o grito ético. Não! Não podemos sacrificar no altar do capital a vida da humanidade de hoje e de amanhã, o respeito a todo ser vivo, o cuidado do jardim da terra. Ontem, a ética se regia pela ordem do cosmos. O ser humano olhava a natureza e via que o sol nascia para bons e para maus, que chovia na horta do pobre e do rico, que fazia frio ou calor tanto para o branco quanto para o negro. Logo, a natureza está a nos ensinar a fundamental igualdade do ser humano. E dessa lição surgia um agir equitativo.



O ser humano avançou na sua reflexão. Nem sempre a natureza nos inspira leis éticas. Às vezes, comporta-se com violência “tsunâmica”, a pedir à razão humana que a dome, a controle e a use para o bem de todos. A ética desceu ao nível da consciência, da razão, da liberdade humana. Passagem enriquecedora, mas problemática. O ser humano exagerou sua autonomia. Acreditou-se divino. E daí surgiu triste epopéia de maldade. Construiu bombas atômicas que mataram e contaminaram a terra, produziu gases venenosos, que assassinaram milhões nos campos de concentração, e continua a engendrar tecnologia de morte.

*A ética dá novo salto. Busca uma síntese entre a razão e o cosmos. E, ao fazê-lo, pergunta pelo último fundamento de ambos. E chega até o absoluto de Deus. O mesmo Deus de bondade, de beleza, de verdade, criou a natureza e a razão humana. Ambas para a felicidade humana, não individual, mas como humanidade. Então a ética ecológica estabelece o princípio maior do agir humano: vive de tal modo, que tudo o que fizeres gere vida para ti, para os outros humanos, para o conjunto da criação. Assim – acrescenta a fé – louvas a Deus, teu criador”. (Transcrito de Libanio, J. B. *Ecologia. Vida ou Morte?* São Paulo: Paulus, 2010, p. 43-44).*



4. DE OLHO NA REALIDADE!

Dividir em grupos de 3 ou 4 pessoas para discutir as questões e depois partilhá-las com todo o grupo.

a) Quais as agressões ao meio ambiente que nós presenciamos ao nosso redor?

b) É possível diminuir as conseqüências dessas agressões a partir de uma ação conjunta da comunidade local? Como podemos começar?

5. CONSELHOS ECOLÓGICOS DO PE CÍCERO ROMÃO BATISTA, UM DOS ÍCONES RELIGIOSOS DO POVO NORDESTINO.

Não derrube o mato, nem mesmo um só pé de pau;

Não toque fogo nem no roçado nem na caatinga;

Não cace mais e deixe os bichos viverem;

Não crie o boi nem o bode soltos: faça cercados e deixe o pasto descansar para se refazer;

Não plante em serra acima nem faça roçado em ladeira muito em pé; deixe o mato protegendo a terra para que a água não a arraste e não se perca a sua riqueza;

Faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar água da chuva;

Represe os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta;

Plante cada dia pelo menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, até que o sertão seja uma mata só;

Aprenda a tirar proveito das plantas da caatinga, como a maniçoba, a favela e a jurema; elas podem ajudar a conviver com a seca;

Se o sertanejo obedecer a estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gado melhorando e o povo terá sempre o que comer;

Mas, se não obedecer, dentro de pouco tempo o sertão todo vai virar um deserto só.

(Pede-se escrever os conselhos em pequenas tiras de papel e colocá-las no chão ao meio do círculo, em destaque!)



6. MOMENTO DE ORAÇÃO: APÓS ALGUMAS PRECES ESPONTÂNEAS, CONCLUIR COM A SEGUINTE ORAÇÃO:

Ó Deus criador, do qual tudo nos vem,

Nós te louvamos pela beleza e perfeição de tudo

Que existe como dádiva gratuita para a vida.

Acolhemos a graça da unidade e da convivência fraterna,

Aprendendo a ser fieis ao evangelho.





*Ilumina, ó Deus, nossas mentes para compreender que
A boa nova que vem de ti é amor, compromisso
E partilha entre todos nós, teus filhos e filhas.*

*Reconhecemos nossos pecados de omissão
Diante das injustiças que causam exclusão social e miséria.
Pedimos por todas as pessoas que trabalham
Na promoção do bem comum e na condução
De uma economia a serviço da vida.*

*Guiados pelo teu espírito, queremos viver o serviço
E a comunhão, promovendo uma economia
Fraterna e solidária, para que a nossa sociedade
Acolha a vinda do teu Reino.
Por Cristo, nosso Senhor. Amém.(CF/2010)*

7. CANTO FINAL: ASA BRANCA DE LUÍS GONZAGA OU OUTRO À ESCOLHA.

(Antes de sair, combinar dia, hora e local assim como quem será o dirigente do próximo encontro!)



ENCONTRO III

As causas da crise ambiental





*Com efeito, vou criar céus novos e uma terra
nova. Is. 65, 17.*

1. INTRODUÇÃO

(Preparar o ambiente com símbolos e objetos relacionados ao tema. Organizar as cadeiras em círculo para facilitar a participação de todos!)

Leitor 1. Para mudarmos nossa maneira de ver e de nos relacionar com a natureza, é preciso conhecer as causas que nos levaram à atual crise. Os estudiosos da questão apontam vários aspectos que merecem nossa consideração. O primeiro deles diz respeito à visão da Terra e da natureza como coisa, objeto do qual podemos dispor ao nosso bel prazer. Desde a ciência moderna, foi se firmando com muita clareza um dualismo que colocava de um lado o ser humano e, de outro lado, as coisas que eram vistas como não possuindo vida, uma realidade sem espírito. Se algo não tem vida ou espírito, não precisa ser respeitado, devendo se submeter à mera utilização por parte do homem. A ciência e a técnica, prisioneiras dessa visão, acabaram por ceder aos desejos de domínio da natureza, sujeitando-a cada vez mais aos objetivos imediatos dos homens. A natureza passou a ser vista como desprovida de direitos, sendo seu único fim servir aos propósitos humanos. Tal concepção levou à depredação de 83% do planeta, sendo que os outros 17% que escaparam à exploração só se salvou por se encontrar em recantos inacessíveis do planeta.

Leitor 2. Um outro fator que levou à presente crise é o fato de termos colocado o ser humano como centro de tudo, devendo tudo o mais ser posicionado em relação a ele, o rei da criação. Na verdade, o ser humano foi o último a aparecer na escala da evolução e o fato de ser o último retira-lhe a primazia e o direito de colocar-se como o centro da criação. Com isso, o ser humano foi colocado

fora da natureza, esquecendo-se de que ele é parte integrante dela e seu destino está inseparavelmente ligado ao destino de toda a ordem natural. Não foram os homens que criaram a Terra, mas ao contrário eles são também produto dela, pertencendo a uma comunidade de vida que é bem mais ampla que eles. Ao contrário do que aprendemos, o homem não é senhor da natureza, mas muito mais o seu guardião.

Leitor 3. A ciência moderna trouxe consigo um desejo de progresso ilimitado. Acostumamo-nos a pensar que os recursos naturais são inesgotáveis e que o homem pode explorá-los sem preocupações com o futuro e com as gerações vindouras. Não é preciso muito esforço para percebermos que a tecnologia que resultou da ciência moderna levou ao aumento irrefreável da exploração dos recursos naturais. Assim, as florestas foram destruídas por potentes máquinas que as viam como reserva de madeira. A colonização européia do mundo viu o novo mundo sobretudo como reserva de riquezas a serviço da ambição e do desejo de posse dos homens. Hoje constatamos entristecidos que o planeta é limitado e seus recursos são escassos. Faz-se necessário um outro modelo de desenvolvimento, um desenvolvimento sustentável.

Leitor 4. A visão de mundo moderna ainda é uma visão fragmentada que carece de uma visão de conjunto em que as partes que integram o todo não se desligam de uma cadeia. As próprias ciências tomaram cada uma um campo de especialização, desligando-se de uma visão de totalidade. As engenharias, por exemplo, se distanciaram de uma visão de conjunto e de unidade, detendo-se apenas na construção de técnicas cada vez mais sofisticadas, sem se perguntar pelo fim dessas mesmas técnicas. Um filósofo da contemporaneidade mostra como a violência que usamos contra a natureza tem reflexos também nas relações interpessoais, em que o homem exerce domínio violento sobre a mulher, sobre os animais, dando lugar ao racismo, à discriminação das minorias, às atitudes violentas contra os mais frágeis.

Leitor 5. A cultura contemporânea está marcada pelo individualismo em





que cada um se preocupa primeiramente consigo mesmo, com seu bem-estar e com a satisfação de seus próprios desejos. O outro não é visto mais como parceiro a quem me uno na construção de um futuro comum, mas como alguém que compete comigo ou que ameaça meus projetos individuais. O homem se torna lobo para o próprio homem, usando a expressão do filósofo Hobbes. A natureza entretanto não se funda na lei da competição e do “cada um por si”, mas antes na cooperação e no diálogo interpessoal. O eu deve ceder o lugar ao nós, em nome da sobrevivência da humanidade.

Leitor 6. Por fim, a ciência e a técnica modernas e o modo de produção que elas desenvolveram nos levaram a um consumismo desenfreado e à exploração sem racionalidade dos recursos da natureza, ocasionando o desperdício e o esbanjamento. Criou-se a cultura do consumo que hoje tanto nos contaminou a ponto de colocarmos em segundo plano as coisas do espírito, refugiando-nos na posse e na riqueza como se pudessem garantir e fundar o sentido de nossa existência. Não há outra saída senão buscar caminhos que nos levem a um novo tipo de civilização.



2. PALAVRA DE DEUS:

Is. 65, 17-25

Com efeito, vou criar céus novos e uma terra nova; assim, o passado não será mais lembrado, ele não subirá mais ao coração. Pelo contrário, é um entusiasmo e uma exultação perpétuos que eu, eu vou criar: com efeito, a exultação que eu vou criar será Jerusalém, e o entusiasmo, será o seu povo; sim, exultarei

por Jerusalém, e estarei entusiasmado com meu povo! Doravante, não se ouvirá mais ressoar ali nem choros, nem gritos. Ali não haverá mais criança de peito arrebatada em alguns dias nem ancião que não complete os seus dias; o mais jovem

morrerá centenário, e mesmo o infortunado será centenário ao se tornar menos que nada. Eles construirão casas e as habitarão, plantarão vinhas e comerão seus frutos; não construirão mais para um outro morar, não plantarão mais para que um outro coma, pois, como os dias de uma árvore, tais os dias do meu povo; os meus eleitos usufruirão os produtos das suas mãos. Não se fatigarão mais em vão, não mais gerarão filhos para a hecatombe, pois serão a descendência dos benditos do Senhor, e os seus rebentos ficarão com eles. Antes mesmo que eles chamem, eu lhes responderei; quando ainda estiverem falando, eu os terei ouvido! O lobo e o cordeiro pastarão juntos, o leão, como o boi, comerá forragem; quanto à serpente, o pó será o seu alimento. Não se fará nem mal nem destruição em toda a minha montanha santa, diz o Senhor. Palavra do Senhor!

3. PALAVRA DA IGREJA:

“Na questão ecológica, as ciências desempenham papel fundamental para o mal e para o bem. Para o mal, quando desenvolvem tecnologias extremamente agressivas. Para o bem, quando criam nova consciência de nossa relação com o mundo.



O Universo deixou de ser uma coisa externa e separada de nós, mero objeto de nossa ação transformadora, exploradora e depredadora, para adquirir verdadeira dimensão de grandeza. Sentimos, cada vez mais, um ser dentro desse gigantesco processo evolutivo que se estende no tempo por 13,7 bilhões de anos e no espaço por mais de 50 bilhões de galáxias. Dimensões absolutamente inimagináveis minam-nos o míope orgulho antropocêntrico e nos fazem entrar em comunhão com sua totalidade.

Não se trata apenas de conservar a terra, mas de avançar para uma visão





de ciência que se articule com a ecologia profunda em vista da criação de nova consciência humana.

Em vez de dominação, instaura-se o espírito de comunhão em todas as direções. Para trás, a ciência nos insere em extraordinário processo evolutivo. Fomos forjados com as mesmas substâncias fundamentais que se encontram no universo. Nosso DNA comunga com os códigos dos animais. Separados dos chimpanzés somente em 1,5%. Os genes assemelham-se em todos os seres vivos, estruturando-lhes a cronologia do desenvolvimento. Para a frente, esposamos o princípio-esperança, na genial intuição de E. Bloch. Em nós se inicia o futuro. Carregamos a potencialidade do porvir. Olhando para os lados, fazemo-nos irmãos de todos e de tudo. Olhando para baixo, afundamos a raiz de nosso existir no solo da terra e da história. Para cima, sentimo-nos filhos de um Pai criador e salvador”. (Transcrito de Libanio, J. B. *Ecologia. Vida ou Morte?* São Paulo: Paulus, 2010, p. 37-38).

4. DE OLHO NA REALIDADE!

A partir das leituras acima, discutir em grupos de 3 ou 4 pessoas as questões, por uns vinte minutos.

a) Vemos a natureza apenas como coisa, objeto manipulável, reserva de recursos a serem extraídos ou nos sentimos parte dela, partilhando com ela o mesmo destino a ponto de sofrermos com ela as agressões que lhe são feitas?

b) Quais as atitudes que precisamos modificar em nossa maneira de nos relacionar com a natureza?

Após as discussões, colocar em comum o resultado das reflexões!

5. PARA REFLETIR!

As bem-aventuranças da Terra (Frei Betto)

Bem-aventurados os que trabalham a terra com as próprias mãos

E não misturam os dedos contando dinheiro manchado com o sangue dos pobres;

Bem-aventurados os que plantam em cada pedaço de chão e não acumulam terras ociosas;

Bem-aventurados os que derrubam cercas para o homem passar e não tratam o direito dos sem-terra como caso de polícia;

Bem-aventurados os que veneram a terra criada por Deus e não idolatram a cerca tecida pelas mãos do diabo;

Bem-aventurados os que conquistam por direito a terra negada por injustiça;

Bem-aventurados os que semeiam liberdade e colhem frutos promissores de justiça.

6. MOMENTO DE ORAÇÃO.

Após algumas preces espontâneas, concluir com a seguinte oração:

Deus criador, Pai da família humana,

Vós formastes a Terra, maravilha da criação, bênção para todos.

Despertai em nós o respeito e a admiração pela obra que vossa mão entregou aos nossos cuidados.

Ensinai-nos a reconhecer o valor de cada criatura que vive na terra, cruza os ares ou se move nas águas.

Perdoai, Senhor, a ganância e o egoísmo destruidor; moderai nossa sede de posse e poder.

Que a Terra, berço acolhedor de tanta vida, seja também o chão da partilha fraterna, pátria solidária de povos e culturas, casa de muitos irmãos e irmãs.





Justiça e paz se abraçarão

Enviai-nos todos em missão! O Evangelho da vida, luz e graça para o mundo, fazendo-nos discípulos e missionários de Jesus Cristo, indique o caminho da justiça e do amor, e seja anúncio de esperança e de paz para todos os povos e para todo o Brasil. Amém.

7. CANTO FINAL: PELOS CAMINHOS DA AMÉRICA OU OUTRO À ESCOLHA.

(Antes de sair, combinar dia, hora e local assim como quem será o dirigente do próximo encontro!)

ENCONTRO IV

*Por um desenvolvimento
sustentável!*





Hoje, tomo como testemunhas contra vós os céus e a terra: foi a vida e a morte que pus diante de ti, a bênção e a maldição (Dt. 30, 19).

1. INTRODUÇÃO

(Preparar o ambiente com símbolos e objetos relacionados ao tema. Organizar as cadeiras em círculo para facilitar a participação de todos!)

Quando falamos de desenvolvimento sustentável, pensamos numa compreensão mais ampla possível de sustentabilidade que inclui todos os níveis: o social, o econômico, o político, o institucional e até o religioso. Fala-se hoje de uma visão holística que fuja a uma visão fragmentária e caminhe na direção de uma visão integradora em que cada parte que compõe o todo o afeta e vice-versa. Por isso, um desenvolvimento sustentável inclui os seguintes aspectos:

1. A sustentabilidade envolve todas as condições que propiciam o surgimento da vida em todos os níveis.
2. Todos os seres vivos possuem valor e o homem precisa deixar de ser visto como o centro da criação, consistindo o valor dos demais seres vivos em servir apenas aos propósitos dos homens. Formamos com eles uma comunidade cósmica!
3. A mãe terra, chamada por nossos indígenas de *pachamama* (grande mãe) possui seus direitos e nós também temos deveres para com ela.
4. A continuidade da vida humana depende da preservação e continuidade dos biomas¹, da biodiversidade, de todas as outras formas de vida presentes no

¹ Bioma é um conjunto organizado de todas as formas de vida. A palavra vem de bios que, em grego, quer dizer “vida”. Quando falamos em bioma, estamos falando de um conjunto de vida humana, vegetal e animal que cobre determinada região de forma contínua, em condições geoclimáticas parecidas, o que acaba formando uma diversidade biológica muito própria. O Brasil tem seis biomas: Amazônia, Cerrado, Pantanal, Caatinga (semi-árido), Mata Atlântica e Pampa.

universo sem as quais a vida humana não persistirá.

5. Como somos os únicos seres vivos dotados de consciência e razão, a Terra depende de nosso cuidado e da nossa proteção. Para isso, precisamos controlar e vigiar nosso poder destrutivo da natureza.

6. O Universo é um fim em si mesmo e isso o torna portador de um direito próprio a continuar existindo.

7. Precisamos rever nossos modos de suprir nossas necessidades, desenvolvendo-os de maneira sóbria, sábia, equilibrada, sem danificar e destruir os recursos naturais do planeta.

8. Nossa geração tem de pensar também na gerações futuras que precisam encontrar um planeta habitável onde possam viver de maneira saudável e integrada.

9. Partilhamos da mesma comunidade de vida com os microorganismos, com a fauna e a flora e com todos os demais seres vivos. Destruí-los seria nos destruir também.

10. Somos responsáveis também pela conservação, recuperação, reconstrução e aperfeiçoamento do capital natural que deve continuar seu processo evolutivo iniciado há milhões de anos, sem interrupções.

Assim, Leonardo Boff nos fornece um outro conceito de sustentabilidade que inclui “toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida e a vida humana, visando sua continuidade e ainda atender as necessidades da geração presente e das futuras, de tal forma que o capital natural seja mantido e enriquecido em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução”. (Boff, Leonardo. Sustentabilidade. O que é – O que não é. Petrópolis: Vozes, 2012, pág. 107)





2. PALAVRA DE DEUS: Dt. 30, 15-20.

Vê: hoje ponho diante de ti a vida e a felicidade, a morte e a infelicidade, eu, que hoje te ordeno ames o Senhor, teu Deus, andes nos seus caminhos, guardes os seus mandamentos, suas leis e seus costumes. Então viverás e te tornarás numeroso, e o Senhor teu Deus, te abençoará na terra onde entras para dela tomares posse. Mas se teu coração se desvia, se não o escutas, se te deixas arrastar a prosternar-te diante de outros deuses e servi-los, eu hoje vos declaro: desapareceréis totalmente, não prolongareis vossos dias no solo em cuja posse vais entrar, quando atravessares o Jordão.

Hoje, tomo como testemunhas contra vós os céus e a terra: foi a vida e a morte que pus diante de ti, a bênção e a maldição. Escolherás a vida para que vivas, tu e tua descendência, amando o Senhor teu Deus, escutando a sua voz e ligando-te a ele. Nisto está a tua vida e tua longevidade, para habitares no solo que o Senhor teu Deus, jurou dar a teus pais, a Abraão, Isaac e Jacó. Palavra do Senhor!



3. PALAVRA DA IGREJA

“A ecologia corre o perigo de cair na esparrela da razão esmiuçada. A aula de anatomia simboliza muito bem tal operação. Diante do aluno de medicina está o cadáver, e ele o disseca nervo por nervo, músculo por músculo. No final, vê uma montanha de pequenos troços, o cadáver já desapareceu. De tanto analisar aspectos da



ecologia, ameaça-nos o perigo de perder-lhes o verdadeiro sentido, a sua causa maior.

Importa fazer uma idéia integral da ecologia, verdadeira cosmovisão. O astronauta russo que contemplou a terra de longe, fora dela, viu-a como planeta azul. Excelente imagem da ecologia integral.

Primeiro, ele distanciou-se da Terra, saiu dela. Pôde vê-la como algo fora de si, o que antes, nunca o conseguimos fazer. Sempre a pensamos estando dentro dela. E, ao observá-la na sua beleza azul e resplendente, foi tomado de êxtase. Em segundo lugar, relativizou tudo o que existe dentro dela de diferenças, de vaidades, de arrogâncias, de poderes. Os seres humanos e a Terra se fundiram numa única realidade. “O ser humano é a própria Terra enquanto sente, pensa, ama, chora e venera”.

Deslocamos o eixo de nosso existir. Giramos demasiadamente em torno de nós mesmos, humanos. E o resto é o silêncio. Com a visão ecológica integral, situamo-nos com nossa pequenez nesse gigantesco oceano cósmico de bilhões de galáxias. Não estamos aqui para dominar o mundo, mas para contemplá-lo num longo sábado judaico e domingo cristão.

A sociedade moderna está a destruir a consciência da importância do sábado. A ecologia integral a reintegra. Não simplesmente no sentido religioso de cumprimento de uma obrigação, mas no prolongamento do ato criativo de Deus, que “abençoou o sétimo dia e o santificou” e “repousou de toda a obra da criação” (Gn. 2,3). (Transcrito de Libanio, J. B. Ecologia. Vida ou Morte? São Paulo: Paulus, 2010, págs. 45-46).





4. DE OLHO NA REALIDADE!

Dividir em grupos de 3 ou 4 pessoas para discutir as seguintes questões por uns vinte minutos e depois partilhá-las com os demais.

O desenvolvimento sustentável envolve várias dimensões. Discuta quais são essas dimensões e como todas elas podem contribuir para um desenvolvimento integral.

Qual o sentido do sétimo dia na criação do mundo? O que significa, no contexto atual, reservar um tempo para a contemplação, saindo do ativismo cotidiano? Isso seria benéfico para a natureza? Por que?

5. PARA REFLETIR!

Quando a verdade for flama (Thiago de Mello)

As colunas da injustiça
 Sei que só vão desabar
 Quando o meu povo, sabendo
 Que existe, souber achar
 Dentro da vida o caminho
 Que leva à libertação.
 Vai tardar, mas saberá
 Que esse caminho começa
 Na dor que acende uma estrela
 No centro da servidão.
 De quem já sabe, o dever

(luz repartida) é dizer.

Quando a verdade for flama

Nos olhos da multidão,

O que em nós hoje é palavra

No povo vai ser ação.



6. MOMENTO DE ORAÇÃO:

Após algumas preces espontâneas, concluir com a seguinte oração que pode ser cantada.

Cântico das Criaturas

1. Onipotente e bom Senhor, a ti a honra, a glória e louvor. Todas as bênçãos de ti nos vêm e todo o povo te diz amém!

2. Louvado sejas nas criaturas, primeiro o Sol lá nas alturas, clareia o dia, grande esplendor, radiante imagem de ti, Senhor.

3. Louvado sejas, pela irmã Lua, no céu criaste é obra tua. Pelas estrelas, claras e belas, tu és a fonte do brilho delas.





4. Louvado sejas pelo irmão vento e pelas nuvens, o ar e o tempo e pela chuva que cai no chão, nos dá sustento, Deus da criação.

5. Louvado sejas, meu bom Senhor, pela irmã água e seu valor, preciosa e casta, humilde e boa, se corre um canto a ti entoa.

6. Louvado sejas, ó meu Senhor, pelo irmão fogo e seu calor. Clareia a noite robusta e forte, bela e alegre e bendita sorte.

7. Sejas louvado, pela irmã terra, mãe que sustenta e nos governa. Produz os frutos, nos dá o pão, com flores e ervas sorri o chão.

8. Louvado sejas, ó meu Senhor, pelas pessoas que em teu amor perdoam, sofrem a tribulação; felicidade em ti encontrarão.

9. Louvado sejas, pela irmã morte que vem a todos, ao fraco e ao forte. Feliz aquele que em ti amar. A morte eterna não o matará.

10. Bem-aventurado quem guardar a paz, pois o altíssimo o satisfaz. Vamos louvar e agradecer, com humildade ao Senhor bendizer.

7. CANTO FINAL: HINO DA CF/2007 SOBRE A AMAZÔNIA OU OUTRO À ESCOLHA.

(Antes de sair, combinar dia, hora e local assim como quem será o dirigente do próximo encontro!)



ENCONTRO V

Por uma nova cosmologia!



O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden, para o cultivar e guardar (Gn. 2,15).

1. INTRODUÇÃO

(Preparar o ambiente com símbolos e objetos relacionados ao tema. Organizar as cadeiras em círculo para facilitar a participação de todos!)

Leitor 1: Vimos nos encontros anteriores que precisamos mudar nosso modo de produção e de consumo para determos o processo avançado de destruição da biodiversidade e garantirmos a continuidade da existência humana. Para isso, precisamos buscar inspiração nas culturas milenares e em suas tradições para reaprendermos o cuidado com a natureza bem como precisamos buscar uma nova ciência respeitadora da Mãe Terra.

Leitor 2: O que significa construir uma nova cosmologia? Cosmologia alude a um conjunto de visões da realidade, modos de viver, de habitar e de cuidar, valores, tradições e costumes, modos de produzir e de consumir, tipos de ciências e de saberes que guiam os grupos humanos. Ela permite ao ser humano constituir uma unidade de sentido coerente. Critica-se muito hoje a cosmologia moderna que levou a uma idéia exagerada de domínio do homem sobre a natureza através da ciência e da técnica dela provenientes. Ela acabou por criar uma cultura de poder e dominação, sendo responsável pela crise ecológica atual.

Leitor 3: Justifica-se então a busca de nova cosmologia que leve em conta que estamos ainda num processo de evolução que começou há 13,7 bilhões de anos, mas que não terminou. O Universo continua seu processo de expansão, auto-organização e autocriação. Suas características não são a estabilidade,

a permanência e a imutabilidade como sustentava o pensamento antigo e medieval, mas a transformação, a adaptabilidade e a mudança constante. Nada pode ser visto como isolado, mas tudo está em relação. Daí todos os seres serem interdependentes e colaborarem para a evolução, garantindo o equilíbrio e sustentando a biodiversidade.

Leitor 4: Essa nova cosmologia não pretende nos dar maior domínio sobre o Universo, mas ao contrário fazer-nos perceber a nós mesmos em profunda sintonia e sinergia suscetíveis a novas transformações. Trata-se assim de um processo aberto sempre pré-disposto ao novo e à surpresa. Nessa cosmologia, cada ser tem valor como um fim em si mesmo e não em função de sua mera utilização para fins alheios a si mesmo. Assim, toda forma de vida, da mais simples à mais complexa, é um fim em si mesma, possuindo uma dignidade que lhe é própria, não podendo ser destruída ou ser vista meramente em função do homem e de suas necessidades. Ela prioriza o cuidado e uma espiritualidade integradora e universal ao invés de servir ao desejo de domínio ou às ideologias de grupos e sistemas. Ela pode então nos orientar na construção de uma nova civilização, reinventando a agricultura, a educação, a economia, a religião, focando mais a sustentabilidade.

Leitor 5: Alguns elementos dessa nova cosmologia já se deixam ver numa nova visão em que somos parte de um todo maior que é o universo que surgiu de uma grande explosão, o *big bang*, de onde surgiram todas as formas de vida, inclusive a humana. Com isso, a criação não é mais vista como algo mecânico, mas o mundo é um organismo sempre aberto a novas interações, acumulando informações e levando a cabo potencialidades antes escondidas e desconhecidas. Trata-se de uma criação contínua e ininterrupta. Todos os seres são abertos e processuais. Em segundo lugar, passamos a uma nova visão em que tudo possui energia, podendo os átomos serem decompostos e liberarem a carga de energia que possuem. Não se trata de usar essa energia, manipulando-a, mas de usá-la como impulso para a construção do Bem, da criatividade e da cooperação para o bem comum. Em terceiro lugar, segundo essa nova visão, tudo no universo traz consigo uma imensa carga de informação que resulta da interação entre





todos os seres. Uma célula, por exemplo, traz em si todas as informações do código genético de construção dos seres vivos. Tais informações podem ser decodificadas e colocadas a serviço da vida e serem usadas em sua proteção e defesa. (Baseado em Boff, Leonardo. **Sustentabilidade. O que é – O que não é.** Petrópolis: Vozes, 2012)



2. PALAVRA DE DEUS: Am. 8, 4-8

“Escutai, vós que esmagais o pobre, para aniquilar os humildes da terra, vós que dizeis: ‘Quando é que passará a lua nova, para podermos vender os grãos, e o sábado, para abriremos os sacos de trigo, diminuindo as medidas, aumentando o peso, alterando as balanças mentirosas, comprando os indigentes a dinheiro, e um pobre por um par de sandálias? Venderemos até o farelo do trigo! O senhor jura pelo orgulho de Jacó: jamais me esquecerei de uma só de suas ações; por isso, não irá estremecer a terra e cobrirem-se de luto todos os seus habitantes? Ela se encherá toda, como o rio, inchará e murchará como o rio do Egito”. Palavra do Senhor!

3. PALAVRA DA IGREJA

“Entrou no vocabulário da ecologia o termo ‘holismo’. Vem do grego e significa todo, totalidade. Só ingressaremos no clube dos defensores da natureza se pensarmos holisticamente. De modo simples, quer dizer que “tudo tem que ver com tudo em todos os pontos, em todos os momentos” (L. Boff).



Olhemos para uma pedra no caminho. Não precisamos ser o poeta Carlos Drummond de Andrade para ficarmos seduzidos porque “no meio do caminho tinha uma pedra”. Essa pedra tem um antes. Chegou até nós através de bilhões de anos de evolução. Está aí diante de nós a desafiar-nos no seu silêncio. Imaginemos que seja uma esmeralda. Amanhã brilhará no anel de algum bacharel, ufano do triunfo profissional. Quantas relações em uma pequena pedra!

Avançemos com a fantasia. E comecemos a pensar todas as coisas nessa perspectiva. Tudo adquire novo sentido, respeito, cuidado. Nada é inútil. Abandonemos a arrogância de julgar-nos centro de tudo e desprezar a todos os outros seres. Aliás, quantas vezes dizemos a palavra “coisa” de maneira depreciativa, ao nos referirmos a realidades diversas de nós!

Essa visão holística implica nova sensibilidade, nova compreensão da Terra e de tudo o que nela existe. Substituímos um olhar detalhista, que diseca a realidade, para ver tudo em bela harmonia. Cada ser soa uma nota em imensa sintonia. Conjugamos dois olhares paradoxais que convergem para uma única compreensão. Singularidade e relação resumem-nos. Contempla-se cada ser





na sua indivisível singularidade. Então parece que veríamos uma infinidade de pontos díspares. Mas, num segundo momento, unimo-los com o olhar num maravilhoso desenho em belíssima unidade. Assemelha-se a uma noite estrelada e clara em que contemplamos cada estrela em sua beleza e o céu todo numa fantástica orquestra sideral”. (Libanio, J.B. *Ecologia. Vida ou Morte?* São Paulo: Paulus, 2010, págs. 29-30).

4. DE OLHO NA REALIDADE!

Dividir em grupos de 3 ou 4 pessoas para discutir as seguintes questões por uns vinte minutos e depois partilhá-las com os demais.

- a) O que significa construir uma nova cosmologia? Quais os elementos essenciais dessa nova cosmologia?
- b) O que vem a ser holismo? Qual a relação entre holismo e essa nova cosmologia?

5. PARA REFLETIR!

O Senhor Deus quis que esta terra fosse a posse comum de todos os seres humanos e que os frutos dela fossem destinados a todos. Mas a avidez repartiu os direitos de propriedade. É, pois, justo, se reivindicas para ti em particular uma coisa que foi posta em comum para o gênero humano, ou antes para todos os seres vivos, que distribuas entre pobres pelo menos alguma coisa dela, de forma que não recuses o alimento a quem deves a partilha de teu direito. (Santo Ambrósio, *Exposição sobre o Salmo 118*, VIII, 22).



6. MOMENTO DE ORAÇÃO:

Após algumas preces espontâneas, concluir com a seguinte oração.

Ó Deus, viste finalmente que todas as coisas que tinhas criado eram “muito boas”. Também nós as vemos, e observamos que todas são muito boas [...] tuas obras te louvam para que te amemos. E nós te amamos, para que tuas obras te louvem [...]. Senhor Deus, concede-nos a paz, tu, que tudo nos deste. Concede-nos a paz do repouso, a paz do sábado, uma paz sem ocaso. Essa belíssima ordem de coisas “muito boas”, uma vez cumprido seu papel, toda ela passará; porque terão tido uma amanhecer e uma tarde. (Santo Agostinho, *Confissões*, XI, 28, 43;33,48;35,50)

7. CANTO FINAL: BOCA DE POVO OU OUTRO À ESCOLHA!

(Antes de sair, combinar dia, hora e local assim como quem será o dirigente do próximo encontro!



Justiça e paz se abraçarão



ENCONTRO VI

*Por uma sustentabilidade
integradora!*



No meio da praça e em ambas as margens do rio cresce a árvore da vida, frutificando doze vezes por ano, produzindo cada mês o seu fruto, e suas folhas servem para curar as nações. Ap. 22,2.

1. INTRODUÇÃO

(Preparar o ambiente com símbolos e objetos relacionados ao tema. Organizar as cadeiras em círculo para facilitar a participação de todos!)

Há ainda outros aspectos da sustentabilidade que precisam ser levados em consideração se quisermos construir uma sustentabilidade integradora. Este encontro vai se deter nesses aspectos que nos ajudarão a pensar a sustentabilidade de uma maneira mais ampla. Já vimos anteriormente que sustentabilidade envolve todas as ações que visam a manutenção do equilíbrio nos aspectos da energia, das informações, dos elementos físico-químicos de que os seres dependem, contribuindo para a percepção de que formamos com todos esses seres uma comunidade de vida que diz respeito não apenas aos interesses das presentes gerações, mas também aos das gerações futuras. Daí nossa responsabilidade pela manutenção da integridade do sistema natural de tal modo que ele possa se regenerar, reproduzir e continuar, sem obstáculos, sua evolução. É isso que denominamos visão holística no encontro passado!

Uma tal sustentabilidade envolve ainda os seguintes aspectos:

1. A manutenção das condições necessárias para o surgimento dos seres, superando a visão de que o homem é o centro de tudo e tudo o mais deve ser visto como estando ao seu dispor. Os demais seres não possuem valor apenas em função do uso que os humanos fazem deles, mas eles formam com os seres humanos a comunidade universal. Em nosso ser estão presentes todos os elementos que compõem os demais seres do universo de modo que destruí-los comprometeria também a continuidade da existência humana.

2. A Mãe Terra também possui direitos uma vez que é ela que garante as demais formas de vida. Estamos assim moralmente obrigados a zelar por sua integridade e vitalidade.

3. Uma comunidade de vida nos ensina que há uma cadeia de vida em que os elementos que a compõem se acham interrelacionados e são interdependentes. Os micro-organismos que se escondem debaixo do solo, nos mangues e nas vegetações, as bactérias, os vírus, os fungos e os protozoários são fundamentais para sua vitalidade e para a sustentabilidade da Terra e da vida que se aloja nela. Se não aprendermos a respeitar cada ser vivo, não estaremos respeitando a mãe Terra. Faz-se necessário uma mudança de atitude, uma revolução ética.

4. Como seres humanos, somos os únicos seres portadores de inteligência, de sensibilidade e de amor, sendo por isso convocados a nos revestir de cuidado para com a natureza e toda forma de vida. Cabe a nós garantir a continuidade da vida na Terra. Isso supõe o uso racional e equitativo dos bens e serviços que dela extraímos. Precisamos ainda alcançar uma solidariedade entre as gerações de modo que as gerações futuras encontrem ainda um mundo habitável e uma natureza preservada de onde possam extrair o necessário para sua sobrevivência.

5. Os povos de culturas milenares de nossa América e de outras partes do planeta sentiam-se ligados ao universo de forma visceral, sendo a Terra a grande mãe. Gregos, Judeus, Incas, andinos, aymaras, hindus e tantos outros falavam de forças cósmicas que se equilibravam, garantindo a vida de todos os seres e que atuavam também em nossa interioridade, levando-nos a nos conformar com essas energias universais no intuito de alcançar a vida saudável e harmônica. Somos parte do Universo e queremos viver em equilíbrio com esse conjunto harmonioso.

6. Tudo isso nos ensina que todos os seres são possuidores de valor e isso implica em seu direito de continuar a existir e participar do processo evolutivo ininterrupto. É preciso então renovar nosso contrato natural com a Terra que, somado ao contrato social estabelecido pelos cidadãos, garanta a sustentabilidade do planeta. Se da Terra recebemos tudo o que precisamos para sobreviver, espera-se que saibamos retribuir, garantindo as condições de sobrevivência que nos trouxeram até aqui.





2. PALAVRA DE DEUS: Ap. 21, 1-7.

Vi então um céu novo e uma nova terra – pois o primeiro céu e a primeira terra se foram, e o mar já não existe. Vi também descer do céu, de junto de Deus, a Cidade santa, uma Jerusalém nova, pronta como uma esposa que se enfeitou para seu marido.

Nisto ouvi uma voz forte que, do trono, dizia: Eis a tenda de Deus com os homens. Ele habitará com eles; eles serão seu povo, e ele, Deus-com-eles, será o seu Deus. Ele enxugará toda lágrima dos seus olhos, pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor, e nem dor, haverá mais. Sim! As coisas antigas se foram!

O que está sentado no trono declarou então: “Eis que faço novas todas as coisas”. E continuou: “Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras”. Disse-me ainda: Elas se realizaram! Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim; e a quem tem sede eu darei gratuitamente da fonte de água viva. O vencedor receberá esta herança, e eu serei seu Deus e ele será meu filho. Palavra do Senhor!



3. PALAVRA DA IGREJA:

“A criação do ser humano – homem e mulher – feito à imagem e semelhança de Deus é apresentada como o coroamento de toda a obra criadora. A Igreja reconhece o valor da criação: ‘A criação deve ser vista e aceita por todos como boa na sua totalidade; boa porque é um dom de

Deus; boa, porque é o meio ambiente em que todos nós fomos colocados e no qual vivemos a nossa vocação, em solidariedade uns com os outros’ (Paulo VI). Mas não podemos cair no engano de pensar que a bênção (Gn. 1,22.28;2,3) que Deus dá ao ser humano, ‘enchei a terra e submetei-a’ (Gn. 1,28), significa que nós podemos fazer com a natureza tudo o que quisermos. A expressão ‘submeter’ poderá ser traduzida também por governar, cuidar, preservar, conviver. Isso não é autorização para grilar terras, devastar o ambiente, poluir as águas, matar os animais sem nenhuma razão, causar a morte. ‘Encher a terra e submetê-la’ também não significa concentrar riquezas e fazer violência à criação. No segundo capítulo do Gênesis, em vez de usar a expressão ‘submeter a terra’, a Bíblia fala do jardim que o ser humano deve cultivar e guardar (Gn. 2,15). As imagens usadas são a fartura de água (uma bacia fluvial com quatro braços), a harmonia com a natureza e, no centro de tudo, a árvore da vida”.

“Já havia, na história do jardim do Éden, um perigo em potencial, simbolizado pela árvore da ciência do bem e do mal: o mau uso que leva à destruição e à morte. O ser humano cresce em número, mas também em conhecimentos, tecnologia, capacidade de transformar o mundo. Isso em si não é mau. Deus dotou a humanidade de inteligência e vontade livre. Uma grande diferença que distingue o ser humano do mundo animal é exatamente a capacidade de ser livre, relacionar-se e construir culturas, transformar ambientes, inventar”.

(CNBB, Texto-base da CF/2007, págs. 132-133).

4. DE OLHO NA REALIDADE!

Dividir em grupos de 3 ou 4 pessoas para discutir as seguintes questões por uns vinte minutos e depois partilhá-las com os demais.

a) Como a tradição clássica interpretou a ordem bíblica “enchei a terra e submetei-a”? Tal interpretação foi prejudicial à natureza? Por que?

b) Como podemos compreender hoje, na sociedade contemporânea, essa





mesma ordem bíblica? Ela pode ajudar a criar atitudes de sustentabilidade? Quais?

5. PARA REFLETIR!

De uma coisa sabemos: a terra não pertence ao homem. É o homem que pertence à Terra. Todas as coisas estão interligadas entre si. O que fere a terra, fere também os filhos e filhas da Mãe Terra. Não foi o homem que teceu a teia da vida; ele é meramente um fio da mesma. Tudo que fizer à teia, a si mesmo fará [...]. Compreenderíamos as intenções do homem branco se conhecêssemos os seus sonhos, se soubéssemos quais as esperanças que transmite a seus filhos e filhas nas longas noites de inverno e quais as visões de futuro que oferece às suas mentes para que se possam formular desejos para o dia de amanhã. (Carta do cacique Seattle, da etnia dos Duwamish, proferido diante de Isaac Stevens, governador do território de Washington, em 1856).

Ia começar a estação chuvosa e um idoso bem velho estava cavando buracos no quintal.

- O que está fazendo? – perguntou o vizinho.

- Plantando mangueiras – foi a resposta.

- Espera comer mangas dessas árvores?

- Não, não viverei o bastante para isso. Mas outros comerão.

(Anthony de Melo)

6. Momento de oração.

Após algumas preces espontâneas, concluir com a seguinte oração.



Ó Deus, criador de todas as coisas boas, olha com carinho de Pai, estes teus filhos e filhas, indígenas, caboclos, ribeirinhos, negros, que sofrem nos conflitos pela ocupação das terras, pela migração forçada. Dá a todos, coragem

para superar a dor e o sofrimento e força para lutar pela vida em abundância. Pedimos isso, pelos méritos da paixão e morte de teu Filho amado Jesus Cristo nosso Senhor.

7. Canto Final: O Deus que me criou (Zé Vicente) ou outro à escolha.

(Antes de sair, combinar dia, hora e local assim como quem será o dirigente do próximo encontro!)





Justiça e paz se abraçarão

ENCONTRO VII

Os sofrimentos da Terra





Por causa disso, a Terra há de chorar (Jr. 4,28).

1. INTRODUÇÃO.

(Preparar o ambiente com símbolos e objetos relacionados ao tema. Organizar as cadeiras em círculo para facilitar a participação de todos!)

Leitor 1: A época em que vivemos se caracteriza pela globalização, termo que designa a interdependência entre todos os países do mundo que passam por muitas transformações e crises em todos os níveis. A vida coletiva passa a ser regida por mecanismos que nós não conhecemos claramente tais como o mercado e a administração do Estado. Com isso, as relações sociais vão sendo cada vez mais regidas pelas leis e imposições do mercado e pelos aparelhos burocráticos do Estado. Quase desaparece a nossa capacidade de ação como sujeitos conscientes, sabedores do que queremos e em controle de nossos objetivos já que o desejo de lucro e de poder passa a ter uma força que foge ao nosso controle.

Leitor 2: O produto mais valioso no mundo de hoje é o conhecimento, pois a ciência e a técnica foram colocadas a serviço do mercado, buscando eficiência e rentabilidade acima da vida das pessoas e das culturas tradicionais dos povos. Como já vimos nos encontros anteriores, a natureza só é vista enquanto reserva de recursos e energia a serviço da produção de riquezas. Para melhor atingir os objetivos do processo produtivo, assistimos à sua reorganização: bens públicos construídos e adquiridos com o esforço e o dinheiro de todos são privatizados e entregues à iniciativa particular. O que interessa é o aumento da produtividade. A mão-de-obra é substituída pela tecnologia. Algumas máquinas fazem o trabalho de centenas de trabalhadores. A consequência disso é o desemprego estrutural. Milhões de trabalhadores agora dependem de auxílios assistenciais

dos governos, outros tantos vivem abaixo dos limites oficiais de pobreza, um bilhão sofre de fome e desnutrição no mundo, aumenta o abismo entre ricos e pobres e a violência cresce assustadoramente.

Leitor 3: No passado, a religião tinha papel decisivo na organização e estruturação das sociedades. Hoje, esse papel tem sido assumido pelo mercado e pelo Estado. Se era a religião que dava sentido às construções humanas, ela agora se tornou apenas uma esfera a mais ao lado das esferas pública e econômica. Agora são os indivíduos sozinhos com seu poder de julgar e decidir que têm de responder aos problemas fundamentais da vida humana como o sofrimento, o mal, a morte e o sentido da vida. A religião se transformou em objeto de escolha pessoal, assunto privado, um objeto a mais de consumo ao qual as pessoas recorrem para satisfazer suas necessidades imediatas. Não faltam igrejas que oferecem ou vendem satisfações imediatas para os males que afligem as pessoas através de curas e milagres fabricados em troca de pagamento.

Leitor 4: Com isso, o ser humano provoca graves prejuízos não somente à natureza, mas também a si mesmo e à sociedade. Isso nos levou a um impasse: perdemos o controle da ciência e da técnica que nós mesmos criamos e elas, por sua vez, perderam a noção de fins éticos, isto é, deixaram de servir ao bem do homem, da sociedade e da natureza e passaram a ser vistas como bens em si mesmas. Tudo se apresenta como transitório, descartável e superável, não havendo mais valores duradouros. Cada um segue sua própria opinião e seu próprio arbítrio.

Leitor 5: A pergunta que nos fazemos, nesse contexto, é: quais os critérios morais que podem nos orientar nas transformações sociais radicais de que precisamos para chegarmos a um verdadeiro desenvolvimento ecossocial, com a inclusão de todos os excluídos, superando o atual modelo predatório de desenvolvimento? Sem dúvida que uma das respostas a essa questão passa pelo futuro da Terra que exige de nós a escolha de um outro modelo de





desenvolvimento. No Brasil, há menos solo disponível para a agricultura, menos água, problemas de secas e enchentes em algumas regiões, doenças e pragas que afetam a produção agrícola, a migração de plantios de uma região para outra, a perda da diversidade produtiva e a transformação em deserto de algumas áreas do país, a degradação dos mananciais de água potável, a desapareção de rios e aquíferos, o desmatamento da Amazônia e do cerrado para a agropecuária e a expansão do agronegócio, a monocultura (cultivo de somente um produto em vastas regiões como do milho, da soja, da cana-de-açúcar, etc) vai se afirmando e se intensificando por ser mais lucrativa, a destruição da fauna e da flora locais. A expansão agrícola se centrou na produção de *commodities* (bens e serviços altamente procurados por seu valor como o petróleo, o papel, o carvão, o etanol, os minérios, etc) com o uso cada vez maior de agrotóxicos, contaminando solos e águas além de afetar a saúde da população. Enfim, os biocombustíveis incentivam a produção de matérias-primas de que eles necessitam como a cana-de-açúcar e a soja, empurrando a pecuária e a produção de alimentos para áreas que deveriam ser preservadas.



2. PALAVRA DE DEUS: Jr. 4, 22-28

Sim, meu povo é tolo; eles não me conhecem. São filhos insensatos; não entendem nada. São hábeis para o mal, mas não sabem fazer o bem. Olho para a Terra: está deserta e vazia; para o céu: a luz desapareceu. Olho para as montanhas:

elas vacilam; as colinas todas são sacudidas. Olho: não há mais homens e todas as aves foram-se embora. Olho: a região dos pomares é um deserto, as cidades todas foram incendiadas pelo Senhor, por sua cólera ardente.

Assim fala o Senhor: toda a terra se torna desolação – entretanto, não vou acabar com tudo. Por causa disso a terra está de luto, e o céu, lá no alto escurece, pois assim decidi, assim planejei; não me arrependo, nem volto atrás. Palavra do Senhor!

3. PALAVRA DA IGREJA:

“O relato da criação no Gênesis nos fala de Adão, que é formado do solo e vivificado pelo sopro divino e que é colocado no jardim do Éden para o ‘cultivar e guardar’. Essa tradução não deve nos fazer esquecer que o significado desses dois verbos não pode ser reduzido ao aspecto produtivo ou econômico. Esses dois verbos têm o sentido profundo e originário de ‘servir’ e ‘cuidar, guardar, obedecer’. São verbos muito usados para falar da verdadeira relação entre Deus e Israel e que, aqui, definem a relação de Adão com a terra: uma relação de serviço e de amor obediente, própria do filho com sua mãe”.

“É o contrário de explorar, de devastar, de destruir para enriquecer. A terra é vida, a terra é viva e nós vivemos dela, com ela e por ela. Esta é a preocupação divina: “não é bom que o homem esteja só” (Gn. 2,18); precisamos estabelecer com todo tipo de vida uma relação de cuidado e de amor. O detalhe de Adão que dá nome aos animais é importante. Dar nome significa conhecer e se responsabilizar por alguém e por algo”. (Estudos da CNBB nº 99. Igreja e questão agrária no início do século XXI. São Paulo: Paulus, 2010, pág. 53).





4. DE OLHO NA REALIDADE!

Dividir em grupos de 3 ou 4 pessoas para discutir as seguintes questões por uns vinte minutos e depois partilhá-las com os demais.

a) Das situações de degradação do meio ambiente e de agressão à Terra citadas na introdução, quais estão acontecendo em nossa comunidade? O que podemos começar a fazer para solucionar, ainda que parcialmente, a questão?

b) O que significa “estabelecer uma relação de cuidado e de amor” com todas as formas de vida? Dê exemplos!

5. PARA REFLETIR!

O horizonte da vida!

Certa vez, um cara chegou no céu e queria falar com Deus. Segundo seu ponto de vista, havia uma coisa que não tinha nenhum sentido. Deus atendeu de imediato, curiosos em saber qual seria a falha na criação.

- Deus, sua criação é muito bonita, muito dez! Cada coisa tem sua razão de ser. Mas, no meu ponto de vista, tem uma coisa que não serve pra nada – disse aquele cara que havia passado “dessa pra uma melhor”.

- E que coisa é essa que não serve pra nada? – perguntou Deus (porque Deus se interessa muito por nossas perguntas!).

- É o horizonte. Pra que serve o horizonte? Se eu caminho um passo em direção ao horizonte, ele se afasta um passo de mim. Se caminho dez passos, ele se afasta dez passos. Se caminho quilômetros em direção ao horizonte, ele se afasta ainda mais. Isso não tem sentido. O horizonte não serve pra nada.

Deus olhou para aquele rapaz, deu uma gargalhada (porque Deus ri muito das coisas que a gente pensa ou fala!) e disse:

- É justamente para isso que serve o horizonte: para fazer caminhar, pra fazer se “mexer” e ir em frente.

6. MOMENTO DE ORAÇÃO:

Após algumas preces espontâneas, concluir com a seguinte oração.



Senhor, somos jovens e sentimos que as coisas estão confusas. O clima, as relações, os valores... quase tudo está tão instável! Sabemos que não te agrada que teus filhos e filhas sintam medo. Mas tememos... Pela terra, tão

triste, tão castigada e destruída – a terra criada para saciar a fome e a pobreza do mundo. Pelas relações distorcidas, nas quais todos querem tirar vantagens em tudo. Pelo nosso futuro como jovens, que muitas vezes não enxergamos horizontes para caminhar e lutar. Tem piedade de nós! Sabemos que podemos recorrer a ti. Confiar em ti. Não te canses de nossos descuidos com a Natureza, com nossa própria vida e com a vida dos outros. Queremos sentir que és tu que, amorosamente, acompanhas nossos destinos e governas a terra e os céus. Amém!

7. CANTO FINAL: SALMO 85 (MÚSICA DE REGINALDO VELOSO) OU OUTRO À ESCOLHA.

(Antes de sair, combinar dia, hora e local assim como quem será o dirigente do próximo encontro!)





Justiça e paz se abraçarão

ENCONTRO VIII

A questão agrária brasileira





*Construirão casas para nelas habitarem,
plantarão videiras e comerão de seus frutos...
Os meus eleitos comerão eles mesmos o fruto do
trabalho de suas mãos... (Is. 65, 17-25)*

1. INTRODUÇÃO

(Preparar o ambiente com símbolos e objetos relacionados ao tema. Organizar as cadeiras em círculo para facilitar a participação de todos!)

Leitor 1: Os problemas agrários e os conflitos deles decorrentes, no Brasil, vêm desde a colonização do país quando a terra começou a ser ocupada de maneira ilegal, escravizando seus primeiros habitantes, os índios. Se quisermos buscar outros exemplos na história do Brasil de sérios conflitos agrários, basta pesquisar um pouco o que foram os conflitos de Canudos (1893-1898), do Contestado (1912-1916) e o de Juazeiro/CE (1889-1934), provocados pelas oligarquias da República Velha. Infelizmente, tais conflitos foram solucionados violentamente pelas forças armadas do Estado, dos coronéis ou das polícias estaduais, sem se tocar ou mexer na estrutura fundiária do país. Nas décadas que se seguiram, o problema continuou sem encontrar uma solução adequada. A ditadura militar chegou até mesmo a banir o tema da agenda política. Somente com a abertura democrática, a partir dos anos 80, é que o tema voltou à tona. A constituição de 1988, atualmente em vigor, introduziu a questão da função social da propriedade da terra.

Leitor 2: Embora a Constituinte de 1988 tenha dado caráter constitucional ao primado da função social da terra, os setores conservadores do patronato rural impediram uma leitura mais ampla do conceito de função social. Ela não entrou na delimitação do tamanho da propriedade fundiária permitido que abriria espaço para a desapropriação de “latifúndio por dimensão”. Acabou-se admitindo a expansão ilimitada da propriedade da terra. Algumas iniciativas foram apresentadas por partidos de esquerda e pela CNBB como a de um

plebiscito que decidiria sobre o tamanho permitido de propriedade, no Brasil, mas tal iniciativa ainda não se efetivou. Desde então, o patronato rural se reorganizou e a bancada ruralista continua dominante no Congresso Nacional.

Leitor 3: A situação agrária se agravou com as mudanças do papel da agricultura no mercado internacional e as alianças feitas com os conservadores pelos governos de FHC e de Lula, que cederam aos interesses do agronegócio brasileiro. A questão que se impôs desde então foi a urgência da modernização técnica da agricultura, sem a necessária reforma social. Os setores representativos da grande propriedade rural e das cadeias agroindustriais ganharam o apoio do Estado, expandindo seu modelo favorável ao agronegócio, na monocultura de *commodities* e em relações precárias de trabalho. Os grupos fora da lógica de expansão desse modelo (populações indígenas, povos da floresta, quilombolas, pequenos agricultores, acampados e o campesinato em geral) continuam cada vez mais excluídos do sistema sócio-econômico.

Leitor 4: Os governos de FHC e Lula continuaram a dar prioridade às exportações primárias (produtos agropecuários, minerais e petróleo bruto) e o país passou a ser visto como fornecedor de *commodities* (carnes, soja, açúcar, álcool, pasta de celulose, minérios em forma bruta), tendo retrocedido no comércio de manufaturas. A indústria ligada a esses produtos tem crescido intensamente, nas últimas décadas. Com o novo papel que o Brasil vem ocupando de fornecedor de matéria-prima para o mercado mundial, tem sido aliviado o problema do déficit externo, sem que a questão fundiária apareça como parte das mudanças estruturais necessárias ao país.

Leitor 5: A terra se converteu assim em “terra de exploração”, deixando de lado a opção “terra de trabalho” dos agricultores familiares camponeses que permaneceram de fora do modelo de produção de *commodities*. Surge agora uma nova divisão entre “terra para produção imediata” e “terra para especulação”. O cultivo das *commodities* se expandiu intensamente nas terras da Amazônia e dos cerrados enquanto o capital externo passa a mostrar



grande interesse pelas “terras para especulação”. As terras públicas passaram ao controle da grilagem, afetando aquela parcela de terras que a Constituição de 1988 havia destinado à Reforma Agrária. O agronegócio brasileiro tem favorecido enormemente a concentração de terras, a valorização especulativa das terras privadas, a expansão das monoculturas, a grilagem das terras públicas, o desmatamento, a deterioração das relações de trabalho além de não observar o estatuto jurídico da terra, no Brasil. Em suma, a política fundiária seguida nos últimos anos, no país, foi prejudicial aos pobres e vantajosa para os grandes proprietários e agricultores. Tudo está orientado para o agronegócio exportador! (Baseado em **Estudos da CNBB nº 99. Igreja e questão agrária no início do século XXI**. São Paulo: Paulus, 2010).



2. PALAVRA DE DEUS: Mq. 4, 1-5

Acontecerá no futuro que a montanha da Casa do Senhor será estabelecida no cume das montanhas – e dominará as colinas. Povos para ali acorrerão.

Nações numerosas por-se-ão a caminho e dirão: “Vinde, subamos à montanha do Senhor, à casa do Deus de Jacó. Ele nos mostrará seus caminhos e andaremos por suas veredas. Sim, de Sião é que vem a instrução e de Jerusalém, a Palavra do Senhor”. Ele será juiz entre numerosos povos, árbitro de nações poderosas, mesmo distantes. Martelando suas espadas, delas farão relhas; e de suas lanças, enxadas. Ninguém mais brandirá a espada, nação contra nação, não mais aprenderão a guerrear. Ficará cada qual sob sua vinha e sua figueira, - ninguém os perturbará. Pois a boca do Senhor de todo poder falou. Palavra do Senhor!

3. PALAVRA DA IGREJA.

“Muitas vezes, ao falar da terra do trabalhador, as Sagradas Escrituras usam a palavra ‘herança’, para indicar o direito inalienável que todos têm de viver e de gozar dos frutos da terra e de seu trabalho. É a palavra identificadora da posse da terra que é ‘recebida em herança’ e deve ser ‘deixada em herança’. A preocupação com as futuras gerações está sempre presente. Inúmeras vezes, os textos bíblicos repetem como um refrão: ‘de geração em geração’. É nossa responsabilidade entregar às futuras gerações, junto com o testemunho da fé que nossos pais e mães vivenciaram, também a terra que de Deus e de nossos pais herdamos para nela habitar e a possamos deixar em herança bela e benfazeja aos nossos filhos e aos filhos de nossos filhos, de geração em geração”.

“A terra não pode ser transformada em simples mercadorias para produzir lucros, através da especulação ou da exploração do trabalho. Quando a propriedade e o uso da terra forem causa de pobreza e de opressão para as pessoas, nós temos a certeza de que a aliança com Deus foi rompida, que sua vontade foi desobedecida e que o pecado domina nossas relações”. (**Estudos da CNBB nº 99. Igreja e questão agrária no início do século XXI**. São Paulo: Paulus, 2010, pág. 55).



4. DE OLHO NA REALIDADE!

Dividir em grupos de 3 ou 4 pessoas para discutir as seguintes questões por uns vinte minutos e depois partilhá-las com os demais.

a) Quais os principais obstáculos a uma reforma social apontados na introdução do encontro? Enumere-os!

b) Sentimos as conseqüências da política fundiária dos últimos governos em nossa comunidade, cidade e região? Quais?

5. PARA REFLETIR!

Magnificat – Frei Betto

Meu coração louva ao Senhor. Meu ser aspira ao Seu amor.

Todo o Universo grita por Ele em dores de parto.

Minha alma dança de alegria como as chamas coloridas da fogueira junina.

Ele armou a Sua tenda no chão da minha vida.

De agora em diante todos vão me dizer:

“A ti não podem mais fazer mal,

Tuas mãos têm a firmeza do guerreiro

Teu rosto convida às núpcias do sol”.

O Deus poderoso fez por mim e em mim coisas que ultrapassam o sentido das palavras

E só o amor sabe dizer sem poder entender.

O nome do Senhor é santo. É Maria, é Severino, é José, é a natureza envaidecida de beleza. Sua bondade manifesta-se nos acontecimentos, resplandece em cada gesto de justiça. Estende a sua mão forte, zomba dos planos dos orgulhosos como quem ri das ameaças de morte. Derruba do poder os ditadores e eleva as classes

populares. Liberta a história de seus rufiões. Oferece os bens da terra a quem produz, despede os ricos como eles despediam os pobres. Estende sobre todos o fio de prumo. Ele cumpre o pacto firmado em Jesus Cristo. Caminha com Seu povo e Sua Igreja, retirantes solidários a caminho de Seu Reino. O Senhor testemunha a Sua fidelidade desde Abraão até hoje aos que esperam contra toda esperança.

6. MOMENTO DE ORAÇÃO:

Após algumas preces espontâneas, concluir com a seguinte oração.



Senhor, guiados por teu Espírito, queremos viver o serviço e a comunhão, promovendo uma economia fraterna e solidária, para que a nossa sociedade acolha a vinda do teu Reino. Por Cristo, nosso Senhor. Amém.

7. CANTO FINAL: VÓS NÃO PODEIS SERVIR A DEUS E AO DINHEIRO! (HINO CF/2010) OU OUTRO À ESCOLHA.

(Antes de sair, combinar dia, hora e local assim como quem será o dirigente do próximo encontro!)





Justiça e paz se abraçarão

ENCONTRO IX

Meio ambiente e mineração





O sétimo ano será um sábado, um repouso
para a terra, um sábado em honra do Senhor.
Lv. 25, 2.

1. INTRODUÇÃO.

(Preparar o ambiente com símbolos e objetos relacionados ao tema. Organizar as cadeiras em círculo para facilitar a participação de todos!)

Leitor 1: As economias dos países em desenvolvimento dependem da industrialização e da produção de bens de consumo. Como vimos nos encontros anteriores, o Brasil é um exportador de *commodities* para a indústria mundial, sobretudo a automobilística da China e de outros países do BRICs (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). O minério de ferro é a *commodity* mais procurada e mais valorizada. Por causa disso, nos últimos anos, temos visto o acelerado desenvolvimento da mineração, no Brasil, cujas imensas reservas, sobretudo de ferro, são cada vez mais solicitadas a atender as demandas de países onde essa matéria-prima já se esgotou ou simplesmente não existe. O Plano Nacional de Mineração 2030 prevê o aumento da exploração de minerais em até cinco vezes a exploração atual já levada adiante em território brasileiro. Isso torna a economia brasileira dependente do mercado externo que é o destino de nossa produção mineral. Até hoje a mineração tem sido regida no país pelo Código de mineração estabelecido pelo decreto-lei nº 227 de 1967 que permite a pessoas físicas e jurídicas requererem autorização de lavra por tempo indeterminado.

Leitor 2: O primeiro problema que se vê no modo como está organizada a indústria extrativista mineral, no Brasil, é que ela está predominantemente voltada para a exportação, sem ter reflexos significativos na economia local e regional. Assistimos com isso a uma disputa internacional pelos recursos naturais nacionais que são patrimônio público, sejam os provenientes do

solo, do ar ou das águas. Exemplos concretos são os projetos de mineração desenvolvidos pela Apolo da Vale SA e pela CSN em Minas Gerais, nos arredores de Congonhas e de outros municípios mineiros. Também em Açailândia, no Maranhão, siderurgias de ferro-gusa da Vale têm sido vistas como símbolo do desenvolvimento que o Brasil está vivendo que, embora tenha um impacto positivo na economia, traz conseqüências sociais e ambientais que não podem ser desprezadas ou ignoradas. No corredor de Carajás, as indústrias têm trazido problemas ambientais sérios que interferem na qualidade do ar, da água e do solo. Tais investimentos milionários enriquecem a elite político-econômica, mas resultam em graves problemas para a saúde da população local como doenças pulmonares, de pele, dos olhos, câncer, etc. Além do mais, a indústria de mineração atua favoravelmente à concentração de renda, reproduzindo as desigualdades sócio-econômicas, sem podermos ver a redistribuição da renda nacional advinda dessa riqueza mineral.

Leitor 3: O problema que queremos abordar diz respeito ao controle dos riscos sociais e ambientais dessas atividades extrativistas minerais que pode ser feito pelos governos de tal modo que não provoquem danos irreversíveis às populações nativas e ao meio ambiente além de nos perguntarmos quem se beneficia com essas riquezas que pertencem a todo o povo brasileiro. O desejo incontido de lucro por parte das empresas mineradoras e a necessidade de financiamento das dívidas públicas dos governos junto com a carência de recursos financeiros para investimentos sociais impedem um controle equilibrado de tais atividades por parte dos órgãos públicos. A revisão do Código de Mineração estabelecido pela ditadura militar, em 1967, não tem envolvido amplos setores da população e os movimentos sociais, tendo as discussões para sua reelaboração sido dominadas pelas empresas e seus organismos de representação. Sindicatos, movimentos sociais, ONGs e populações nativas (indígenas e populações rurais) têm sido excluídas dessa discussão ou não têm podido fazer valer seus interesses e necessidades. A política mineral tem sido estabelecida de maneira não democrática, servindo aos interesses das grandes mineradoras.



Leitor 4: O aumento triplicado ou quintuplicado da extração mineral, no país, tem aumentado consideravelmente os conflitos socioambientais quando não destitui as populações indígenas de seus territórios tradicionais assegurados pela Constituição de 1988. Temos assistido tudo isso na construção da Usina de Belo Monte, em Altamira, no Pará, onde, além dos conflitos com os indígenas, temos visto até mesmo o uso de trabalho semi-escravo. Outro aspecto que nos preocupa é que o Estado brasileiro tem sido permissivo na tarifação das atividades de mineração, recolhendo o estado de Minas, por exemplo, apenas 2% sobre a extração de minérios em seu território. A renda advinda da extração desses recursos minerais precisa ser colocada a serviço da redistribuição de renda no país, traçando governo e população um modelo de desenvolvimento a serviço dos interesses locais e não meramente voltado para o mercado externo, o que pode aumentar e aprofundar ainda mais nossa condição de economia periférica e dependente.



2. PALAVRA DE DEUS: Lv. 25, 1-6.

“O Senhor disse a Moisés no monte Sinai: ‘Dize aos israelitas o seguinte: quando tiverdes entrado na terra que vos hei de dar, a terra repousará: este será um sábado em honra do Senhor. Durante seis anos semearás a tua terra,

durante seis anos podarás a tua vinha e recolherás os seus frutos. Mas o sétimo ano será um sábado, um repouso para a terra, um sábado em honra do Senhor: não semearás o teu campo, nem podarás a tua vinha; não colherás o que nascer dos grãos caídos de tua ceifa, nem as uvas de tua vinha não podada, porque é um ano de repouso para a terra”. Palavra do Senhor!

3. PALAVRA DA IGREJA

“Os discípulos de Jesus propuseram ao mundo uma grande revolução econômica, talvez a maior testemunhada na antiguidade. Nascida do seio das comunidades cristãs como fruto da convivência fraterna, era introduzida no mundo greco-romano uma economia diferente. A economia do Império Romano era resultado de política fiscal, se fundava sobre os impostos. Sua destinação era, sobretudo, a manutenção do complexo aparato burocrático e do amplo sistema militar. A economia cristã se baseava na distribuição da riqueza e era destinada a socorrer os segmentos mais vulneráveis da vida civil e social, geralmente não atendidos pelo Estado. O ideal das primeiras comunidades cristãs era a partilha solidária dos bens, de modo que não houvesse ninguém que passasse necessidade”. (CONIC, **Texto-base da CF/2010, pág. 63**)



4. DE OLHO NA REALIDADE!

Dividir em grupos de 3 ou 4 pessoas para discutir as seguintes questões por uns vinte minutos e depois partilhá-las com os demais.



a) O que os dois textos acima (Palavra de Deus e Palavra da Igreja) têm a ensinar para um outro modelo de administração da economia e redistribuição de renda? Que critérios eles estabelecem?

b) Recortar de jornais e revistas notícias sobre as conseqüências sociais e ambientais trazidas pela mineração em sua região ou estado e discutir com o grupo.

5. PARA REFLETIR!

Danilo D'Addio Chammas e Dário Bossi: “Para permitir o enriquecimento rápido de poucas pessoas e/ou empresas, é necessário que outros assumam em silêncio suas conseqüências. Sempre afirmamos que, no Maranhão, “o lucro é privado, mas o prejuízo é público”. Isso acontece de forma emblemática em Açailândia e em seu bairro industrial de Piquiá de Baixo, que a imprensa começa a definir “a Cubatão da Amazônia” (Carta Capital).

“Assim, a Vale e, em conseqüência, as empresas siderúrgicas instalaram-se na região depois que o povo já morava ali e encostaram seus empreendimentos ao lado de casas e povoados. Nisso se reconhece uma evidente cumplicidade entre as administrações políticas locais e estaduais e essas empresas, que ainda hoje não estão sendo cobradas pelos impactos que provocam a cada ano, a cada dia, a cada hora na saúde e na dignidade de nosso povo!”

“A fiscalização ambiental não é uma alternativa, mas sim uma urgência. Ao lado disso, o envolvimento e o protagonismo do povo nos processos de licenciamento ambiental e de renovação das licenças já emitidas (audiências públicas, direito das comunidades de se expressarem, acolhendo ou rejeitando a instalação de empreendimentos desse porte, mecanismos de maior repartição do lucro da cadeia de mineração e siderurgia, entre outros mecanismos que devolvem poder e oportunidades ao povo maranhense). A própria terra precisa voltar a ser um bem de uso e direito público: a reforma agrária ainda não chegou

nessas terras griladas e agora acumuladas pela monocultura de eucalipto ou subtraídas pelo descobrimento de novas minas. A agricultura familiar, que ainda alimenta 70% dos brasileiros/as, tem razões para resistir e garantir futuro a nossas famílias. Não por acaso estamos insistindo em cursos e oficinas de agroecologia e economia solidária: numa terra onde a economia está sendo reprimarizada pela exportação neocolonial de matéria prima, nos sentimos em direito de reafirmar o valor primário da agricultura familiar!”

(<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/505793-atuacao-da-vale-em-acailandia-o-lucro-e-privado-mas-o-prejuizo-e-publico-entrevista-especial-com-danilo-daddio-chammas-e-dario-bossi>)

6. MOMENTO DE ORAÇÃO:

Após algumas preces espontâneas, concluir com a seguinte oração.

Ó Deus criador, do qual tudo nos vem, nós te louvamos pela beleza e perfeição de tudo que existe como dádiva gratuita para a vida. Ilumina, ó Deus, nossas mentes para compreender que a boa nova que vem de ti é amor, compromisso e partilha entre todos nós, teus filhos e filhas.

Reconhecemos nossos pecados de omissão diante das injustiças que causam exclusão social e miséria. Pedimos por todas as pessoas que trabalham na promoção do bem comum e na condução de uma economia a serviço da vida. Guiados pelo teu Espírito, queremos viver o serviço e a comunhão, promovendo uma economia fraterna e solidária, para que a nossa sociedade acolha a vinda do teu Reino. Por Cristo, nosso Senhor. Amém.





Justiça e paz se abraçarão

7. CANTO FINAL: SOMOS GENTE DA ESPERANÇA OU OUTRO À ESCOLHA.

(Antes de sair, combinar dia, hora e local assim como quem será o dirigente do próximo encontro!)



ENCONTRO X

Por uma cultura de paz



A paz é fruto da justiça Is. 32,17.

1. INTRODUÇÃO.

(Preparar o ambiente com símbolos e objetos relacionados ao tema. Organizar as cadeiras em círculo para facilitar a participação de todos!)

Leitor 1: Na sociedade contemporânea, todos nós presenciamos atos de violência nas ruas, no trânsito, no tráfico de drogas, nas desigualdades sociais, nos atos de racismo e discriminação, na corrupção, na pobreza e em muitas outras situações. Sabemos que é dever do Estado oferecer segurança a todos, mas ela é também direito e dever de todos os cidadãos, não sendo portanto função exclusiva do Estado, mas ficando na pendência de atitudes e valores dos indivíduos que o compõem.

Leitor 2: Historicamente, nossa sociedade esteve marcada pela violência desde as origens. A colonização européia que sofremos se caracterizou pela imposição de valores, pelo desrespeito aos índios e mais tarde aos escravos de origem africana além de ter sido marcada por interesses em conflito dos grupos colonizadores. A convivência com os indígenas foi e continua sendo causadora de conflitos devido à violação de seus direitos fundamentais, à invasão de suas propriedades para extração de riquezas e à imposição de uma cultura estrangeira. A mesma violência se fez notar na escravização dos africanos e nos mecanismos de controle e submissão usados contra eles que eram considerados como mercadorias.

Leitor 3: Acreditamos sempre estar vivendo numa democracia racial onde todos os povos e raças conviviam harmoniosamente, mas sabemos que esse

mito serviu para esconder as desigualdades entre brancos e negros e ocultar a violência do sistema escravista. As diferenças sociais, culturais, raciais e religiosas sempre foram tratadas com desconfiança e não faltaram aqueles que as viam como causa de desigualdades sociais e econômicas, servindo para justificar a exclusão social e negar os direitos humanos fundamentais de cada pessoa. Continuamos a acreditar na cordialidade e na passividade do povo brasileiro, embora os fatos as desmintam a todo instante.

Leitor 4: As grandes cidades brasileiras convivem com a matança indiscriminada de jovens, sobretudo negros e pobres, provocadas por disputas de gangues, tráfico de drogas e de armas ou até mesmo pela violência policial e de grupos de extermínio. Mesmo que a escravatura tenha sido abolida em 1888 continuamos a conviver com práticas de trabalho que se assemelham à escravidão, em pleno século XXI. A escravidão contemporânea se manifesta em dívidas contraídas pelos trabalhadores que não podem saná-las, no tráfico de pessoas, em maus tratos a trabalhadores, em salários de fome em regiões isoladas do país e no desrespeito aos direitos humanos mais básicos. Uma outra face da violência brasileira se deixa ver no machismo ainda predominante que resulta em agressões violentas contra mulheres e crianças.

Leitor 5: As origens da violência podem ser buscadas nas diferenças entre pessoas e grupos que, quando rejeitadas, deixam de ser vistas e acolhidas como complementaridade e riqueza, dando origem a conflitos e desentendimentos. Suas raízes se encontram também na própria interioridade humana, na falta de autoaceitação e na rejeição de sua própria história e identidade. Acham-se ainda nas diferenças de valores e de interesses que causam os conflitos interpessoais. Enfim, a violência surge também devido às desigualdades sociais quando elas provocam a desumanização das pessoas, de grupos e classes sociais.

Leitor 6: Os caminhos de superação da violência e dos conflitos passam necessariamente pela capacidade de diálogo entre as partes discordantes, pela capacidade e competência das instâncias mediadoras dos conflitos levarem ao





entendimento, pela identificação do problema real causador das desavenças, pela clareza de critérios com que os analisamos, pela capacidade de alcançar consenso entre as partes envolvidas, pelo compromisso com as decisões tomadas, pela intenção reta de buscar a verdade e a paz, pelo respeito à vida e à sua dignidade, pela rejeição de soluções violentas, pela capacidade de reconciliação e perdão dos conflitantes, pelo respeito às diferenças culturais, sociais e religiosas, pela liberdade de expressão, pela consolidação dos valores democráticos, pelo acolhimento do outro, do estrangeiro e do diferente...

2. PALAVRA DE DEUS: 1Cor. 13, 1-8

Mesmo que eu fale em línguas, a dos homens e a dos anjos, se me falta o amor, sou um metal que ressoa, um címbalo retumbante. Mesmo que tenha

o dom da profecia, o saber de todos os mistérios e de todo o conhecimento, mesmo que tenha a fé mais total, a que transporta montanhas, se me falta o amor, nada sou. Mesmo que distribua todos os meus bens aos famintos, mesmo que entregue o meu corpo às chamas, se me falta o amor, nada lucro com isso. O amor tem paciência, o amor é servicial, não é ciumento, não se pavoneia, não se incha de orgulho, nada faz de inconveniente, não procura o próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor, não se regozija com a injustiça, mas encontra a sua alegria na verdade. Ele tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca desaparece. Palavra do Senhor!



3. PALAVRA DA IGREJA.

“A paz é fruto da justiça, supõe e exige a instauração de uma ordem justa que possibilite a realização humana e permita que todas as pessoas, sejam sujeitos da própria história. Onde não existem essas condições, existe o atentado contra a paz. Toda opressão é germe da rebelião, da violência e de insegurança”.

“A paz é uma tarefa permanente da comunidade humana, um paz autêntica implica luta, capacidade inventiva, conquista permanente. Deve ser construída, de modo que o cristão seja um artesão da paz. A paz é fruto do amor, expressão da real fraternidade entre as pessoas. Onde a paz social não existe, onde há injustiças, desigualdades sociais, políticas, econômicas e culturais, rejeita-se o Senhor e o seu dom da paz”. (CNBB, **Texto-base da CF/2008, pág. 107**).



4. DE OLHO NA REALIDADE!

Dividir em grupos de 3 ou 4 pessoas para discutir as seguintes questões por uns vinte minutos e depois partilhá-las com os demais.

- a) Quais são as raízes da violência que nos assola? (Ver Introdução do encontro!)
- b) O que podemos fazer, enquanto comunidade, para criar uma cultura de paz e não-violência entre nós?



5. PARA REFLETIR!

Oração da Paz em caminhada (*Dom Pedro Casaldáliga*)

Deus da paz verdadeira

Que brota da justiça

E floresce em irmandade:

Dá-nos a tua paz!

Livra-nos da paz inerte,

Que se omite.

Livra-nos da paz corrupta,

Que se vende.

Livra-nos da paz que foge,

Se refugiando no fatalismo

Ou até numa falsa espiritualidade.

Dá-nos a paz em caminhada,

A Paz que luta pelo Reino,

A paz que partilha a vida do povo,

A paz pela qual tombaram nossos mártires,

A paz pela qual morreu e ressuscitou

Aquele que é a “nossa paz”,

Jesus Cristo, teu Filho, nosso Irmão.

Amém, Axé, Awere, Aleluia!



6. MOMENTO DE ORAÇÃO:

Após algumas preces espontâneas, concluir com a seguinte oração:

“O Senhor te abençoe e te guarde. O Senhor faça brilhar sobre ti sua face, e se compadeça de ti. O Senhor volte para ti o seu rosto e te dê paz.”

7. CANTO FINAL: CANTAR A ORAÇÃO DE SÃO FRANCISCO!

(Antes de sair, combinar dia, hora e local assim como quem será o dirigente do próximo encontro!)

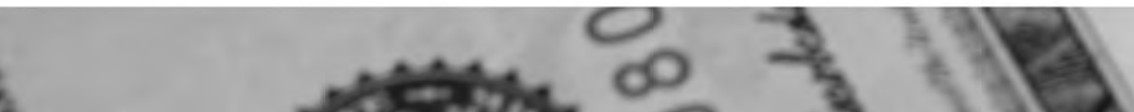


Justiça e paz se abraçarão



ENCONTRO XI

A violência e o tráfico





Ai daquele que causar a queda de um só desses pequeninos que crêem em mim.
Mt. 18, 6.

1. INTRODUÇÃO

(Preparar o ambiente com símbolos e objetos relacionados ao tema. Organizar as cadeiras em círculo para facilitar a participação de todos!)

Leitor 1: Os grandes centros urbanos assistem a proliferação do tráfico de drogas e também do tráfico de pessoas que, olhados juntos, talvez sejam duas faces da mesma moeda. Quanto ao narcotráfico, suas redes permeiam todo o planeta, movimentando cerca de 400 bilhões de dólares por ano. Embora ilegal, ele alicia enorme quantidade de pessoas no processo de produção, industrialização e distribuição da droga. Ele tem um poder de sedução sobre jovens e adolescentes pelos altos lucros que oferece já que ele reúne produtores, agentes financeiros, traficantes e consumidores. Em geral, as forças policiais reprimem os pequenos traficantes, ficando os chefões na lavagem de dinheiro sem serem importunados pela justiça e pela polícia.

Leitor 2: As vítimas do tráfico acabam sendo as pessoas socialmente excluídas que se deixam iludir com os lucros que ele oferece, tornando-se presas fáceis de chacinas, conflitos entre gangues, guerras pelo controle de áreas urbanas, estratégias para fazer a droga chegar em escolas, universidades e lugares de lazer. Atualmente, as drogas afetam as famílias e os jovens de todas as classes sociais e não constituem mais um mundo à parte. As drogas e suas conseqüências não afetam apenas os usuários e traficantes, mas famílias e grupos dos usuários que ficam expostos à violências de viciados em busca de dinheiro para comprá-las, a roubos, acidentes de trânsito provocados por motoristas sob seu efeito. Também a sociedade toda fica envolvida quando políticos e suas campanhas são financiados com dinheiro provindo do tráfico

e se comprometem assim com ele, quando eleitos. Desse modo, as vítimas do narcotráfico aumentam cada vez mais, atingindo também pessoas que nada têm a ver diretamente com o mundo das drogas.

Leitor 3: Um outro aspecto é o tráfico de pessoas que movimenta outra grande soma de dinheiro. O tráfico de pessoas só perde em montante movimentado para o tráfico de drogas e armas, embora muitos estudiosos os vejam conectados entre si. A exploração humana afeta nações pobres que fornecem as vítimas e as nações ricas que formam o mercado consumidor. Ele tem crescido vertiginosamente no leste europeu, na Ásia e na África. As pessoas traficadas se destinam à prostituição ou ao trabalho semi-escravo no mundo desenvolvido, principalmente Alemanha, Itália, Holanda, Grécia, Bélgica e Turquia; Japão e Índia, na Ásia, e Estados Unidos, na América do Norte. O tráfico envolve mulheres, crianças e adolescentes. Segundo a Organização Internacional do Trabalho, 43% das vítimas são usadas na exploração sexual e 32% na exploração econômica. O Brasil ocupa o terceiro lugar na exportação de pessoas para o tráfico, perdendo apenas para a República Dominicana e a Colômbia.

Leitor 4: As vítimas brasileiras do tráfico de pessoas vêm principalmente de cidades litorâneas, sendo mulheres e adolescentes aliciados por quadrilhas internacionais. Há regiões mais sujeitas ao tráfico como os estados de Goiás, São Paulo, Minas Gerais e Pará de onde as pessoas são traficadas para o Amapá e o Suriname, embora o destino principal delas seja a Europa. A prostituição infantil ganha também, no Brasil, dimensões assustadoras, acontecendo do norte ao sul do país. A prostituição masculina também é cada vez mais visível.

Leitor 5: Entre as causas do problema, podem ser mencionadas a pobreza, a violência familiar, o despreparo para com a vida, o abuso sexual na infância, o machismo, a desvalorização do trabalho de mulheres e adolescentes, a cultura hedonista que o capitalismo criou, a falta de uma educação sexual para o amor e outras formas de coisificação de pessoas humanas. (**Fonte: CNBB. Texto-base da CF/2009**).





2. PALAVRA DE DEUS: Mt. 18, 6-9.

Mas todo aquele que causa a queda de um só desses pequenos que crêem em mim, é preferível para ele que lhe pendurem ao pescoço uma grande mó e o precipitem no abismo do mar.

Desgraçado do mundo que causa tantas quedas! Decerto, é necessário que haja escândalos, mas ai do homem por quem acontece a queda! Se a tua mão ou o teu pé te levam à queda, corta-os e lança-os longe de ti; mais vale para ti entrar na vida maneta ou coxo do que ser lançado com ambas as mãos ou ambos os pés no fogo eterno! E se o teu olho te leva à queda, arranca-o e lança-o para longe de ti; mais vale para ti entrar caolho na vida do que ser lançado com ambos os olhos na Geena do fogo! Palavra do Senhor!



3. PALAVRA DA IGREJA

“A ordem de Jesus de “*não desprezar nenhum dos pequenos*”(Mt. 18,10) é apresentada em cores muito vivas. Chama a atenção de seu leitor com a interjeição “*cuidado*”; impõe uma ordem pelo imperativo negativo “*não desprezeis*”; determina o substantivo “*pequeninos*” como a expressão numeral “*um só destes*” e apresenta os anjos destes “*pequeninos*” como aqueles que



contemplam sem cessar a face do Pai que está nos céus” (Cf. Mt. 18,10b).

“Esta ordem de Jesus e sua poderosa justificativa indicam que Ele confia todos os esmagados pela insegurança (pequeninos) à proteção dos que são seus discípulos e formam a sua família. Todos os cristãos recebem dele a ordem expressa e incisiva de serem os anjos da sua segurança e da sua paz para os outros, para cada um dos seus pequeninos”. (CNBB. **Texto-base CF/2009, pág. 97**)

4. DE OLHO NA REALIDADE!

Dividir em grupos de 3 ou 4 pessoas para discutir as seguintes questões por uns vinte minutos e depois partilhá-las com os demais.

- O que tem transformado pessoas em mercadorias? Identifique as causas desse fenômeno a partir da introdução do encontro.
- Quais os princípios do evangelho que nos ajudam a encontrar uma resposta para o presente problema?

5. PARA REFLETIR!

Cantiga da Paz (Dom Pedro Casaldáliga)

Vento de Deus te traz,
 Bem-vinda sejas,
 Pomba da paz!
 Todas as línguas cantem
 Teu santo nome.
 Todos os povos vivam



Por ti concordes.
Todas as religiões
Te dêem abrigo.
Todos os corações
Sejam teu ninho.
Seja o nosso tempo
De jubileu.
Fica, por fim, conosco,
Pomba de Deus!
Planta tua oliveira
Em nossa terra,
Unge tantas feridas
De tantas guerras,
Sela as nossas vidas
No teu amor;
Ave-pascal nascida
Do peito aberto
Do Redentor!

6. MOMENTO DE ORAÇÃO:

*Após algumas preces espontâneas,
concluir com a seguinte oração:*

Ó Deus, tu és a luz verdadeira e



a paz que reconcilia a humanidade. Vem, conforta o teu povo com a paz da justiça e afasta de nós o ódio, a inveja e as divisões. Dá a todos nós o teu Espírito Santo, Mãe de Amor, hoje e sempre. Amém.

7. CANTO FINAL: É BONITA DEMAIS A MÃO DE QUEM CONDUZ A BANDEIRA DA PAZ (ZÉ VICENTE).

(Antes de sair, combinar dia, hora e local assim como quem será o dirigente do próximo encontro!)





Justiça e paz se abraçarão

ENCONTRO XII

Espiritualidade e missão verbita





Viva Deus Uno e Trino em nossos
corações e nos corações de todos!
Santo Arnaldo Jansen.

1. INTRODUÇÃO

(Preparar o ambiente com símbolos e objetos relacionados ao tema. Organizar as cadeiras em círculo para facilitar a participação de todos!)

Leitor 1: Todos os grandes grupos religiosos do Cristianismo construíram, ao longo de seu desenvolvimento histórico, uma espiritualidade própria que se tornou a sua marca dentro da Igreja. Assim, conhecemos alguns traços da espiritualidade franciscana, da espiritualidade inaciana, da espiritualidade carmelita e de tantas outras. Podemos também falar de uma espiritualidade própria dos Missionários do Verbo Divino e das SSpS que deve transparecer em seu modo de trabalhar, de evangelizar e de ser uma presença profética nos lugares onde nós atuamos. Começamos pelo significado do termo espiritualidade e depois tentaremos definir quais os traços marcantes da espiritualidade e da missão verbitas.

Leitor 2: Podemos conceituar espiritualidade como uma maneira própria ou um estilo singular de seguir a Jesus Cristo ou de testemunhar o projeto do Reino de Deus anunciado por Jesus. Ela designa o modo como o Espírito nos impele a levar adiante a missão de Jesus. O prólogo das Constituições da SVD (Sociedade do Verbo Divino) começa com as seguintes palavras: *A graça carinhosa de Deus nos reuniu de vários povos e continentes numa Comunidade religiosa e missionária dedicada ao Verbo Divino e denominada, tal como Ele, a Congregação do Verbo Divino.* O fundador da SVD, Santo Arnaldo Jansen, buscou inspiração no prólogo do evangelho de São João para nomear o grupo que ele então fundava cujo objetivo era o trabalho missionário *ad gentes*, isto é, as missões estrangeiras. Seu olhar se dirigia em primeiro lugar para a China e

foi para lá que ele enviou o primeiro missionário São José Freinademetz. Assim, respondendo ao apelo do Espírito, Santo Arnaldo fundou uma comunidade missionária de tal modo que a missão do Verbo Divino é também a nossa missão: *“Sua vida é a nossa vida, sua missão é a nossa missão”*. Fundou também, com o mesmo objetivo, a Congregação das Irmãs Servas do Espírito Santo (SSpS) e as contemplativas Servas do Espírito Santo de Adoração Perpétua (SSpSAP). A SVD ajuda assim a Igreja a realizar a sua atividade missionária e a cumprir a ordem de Jesus: *Ide a todos os povos e levai-lhes a boa nova do evangelho.* Formando uma comunidade de irmãos (padres e leigos) de diferentes nações, línguas e culturas, procuramos ser um sinal visível da unidade e da diversidade da Igreja. De fato, onde quer que a SVD trabalhe, sempre há padres e irmãos de diferentes nacionalidades numa mesma comunidade, procurando viver a comunhão e a fraternidade, apesar de nossas diferenças.

Leitor 3: Podemos então ver que uma das marcas da espiritualidade e da missão verbita é a interculturalidade. Acreditamos que o Verbo Divino se fez carne e habitou as diferentes culturas e que podemos testemunhar o Reino em línguas, culturas e tradições diferentes, sem perder a unidade e a universalidade da missão. Desde nossas origens, foi se construindo também uma espiritualidade trinitária e encarnada, sendo nossas comunidades de vida e missão um reflexo da comunhão e da diversidade que nós vemos na Comunidade trinitária entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Procuramos por isso reunir os filhos e filhas de Deus dispersos, através de nosso serviço missionário, apressando o dia em que *“todos adorarão o Pai, em espírito e verdade”* (Jo. 4,23).

Leitor 4: Como seguidores do Verbo Divino que se encarnou numa situação histórica particular, anunciando a salvação e a paz a todos, especialmente aos mais pobres, procuramos partilhar a vida e a cultura dos povos e comunidades com os quais trabalhamos, assumindo e respeitando suas tradições religiosas e culturais. Nossa presença deve ter as marcas e o rosto das culturas e das tradições dos povos com os quais trabalhamos. É o Espírito Santo que nos guia na compreensão do Evangelho de Jesus e no esforço de interpretá-lo para que ele seja luz e fermento na massa, inspirando-nos na leitura dos sinais dos





tempos e no discernimento da vontade de Deus.

Leitor 5: No entanto, levar adiante a missão do próprio Jesus, o Verbo de Deus, exige de nós escuta atenta e vivência da Palavra de Deus. O missionário verbita é um anunciador da Palavra, anunciando o evangelho como boa nova de libertação para todos. Alimentamo-nos da Palavra e da Eucaristia ao nos esforçamos por testemunhar o Reino nas diferentes realidades em que estamos inseridos pelos 72 países dos cinco continentes em que trabalhamos. Na maioria desses lugares, a pastoral bíblica tem sido uma marca da evangelização verbita, especialmente nos países da América Latina. “Pelo nosso ministério da Palavra e dos sacramentos, acompanhamos as comunidades em seu processo de crescimento” (Const. 108).

Leitor 6: Não é possível evangelizar, ignorando as situações de injustiça e as condições desumanas de vida e desconhecendo a presença de Cristo entre os pobres e oprimidos. Por isso, uma outra marca de nosso estilo evangelizador deve ser a promoção da Justiça e da Paz bem como a luta pela preservação da integridade da criação. Este subsídio que elaboramos tem o foco justamente em questões de Justiça, Paz e em questões ambientais, aspectos fundamentais que nenhum serviço de evangelização pode ignorar.

Leitor 7: Uma terceira dimensão de nosso serviço de evangelização é a comunicação. O nosso fundador valorizou enormemente a palavra impressa, criando jornais e revistas missionárias. Não poderíamos então ignorar o papel imprescindível dos Meios de Comunicação Social na divulgação da boa nova. Todas essas três dimensões (pastoral bíblica, Justiça, Paz e integridade da Criação (JUPIC), e a comunicação constituem o modo específico de evangelizar dos missionários do Verbo Divino, de tal modo que nossa missão, onde quer que ela se realize, deve ter essas três marcas em sua identidade.

Tal tarefa, para que seja efetiva, não conta apenas com os padres e irmãos verbitas, mas também com os leigos e leigas sem os quais não podemos realizar o trabalho missionário. Convidamo-los então a se unirem a nós para levarmos adiante a missão confiada a Santo Arnaldo Jansen.



2. PALAVRA DE DEUS: Jo. 1, 1-14.

No início era o Verbo, e o Verbo estava voltado para Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava, no início, voltado para Deus. Tudo foi feito por meio dele; e sem ele nada se fez do que foi feito. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens, e a luz brilha nas trevas, e as trevas não a compreenderam. Houve um homem enviado por Deus; seu nome era João. Ele veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por ele. Ele não era a luz, mas devia dar testemunho da luz. O Verbo era a verdadeira luz que, vindo ao mundo, ilumina todo homem. Ele estava no mundo e, por ele, o mundo foi feito, e o mundo não o conheceu. Ele veio para o que era seu, e os seus não o acolheram. Mas aos que o receberam, aos que crêem em seu nome, ele deu o poder de se tornarem filhos de Deus. Esses não nasceram do sangue, nem de um querer de carne, nem de um querer de homem, mas de Deus. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós e nós vimos a sua glória; glória essa que, Filho único cheio de graça e de verdade, ele tem da parte do Pai. Palavra do Senhor!

3. PALAVRA DA IGREJA

“Ora, tudo vem de Deus, que, por Cristo, nos reconciliou consigo e nos confiou o ministério da reconciliação” (2Cor. 5,18). Essas palavras de São





Paulo recordam-nos que a missão de reconciliação não é só obra nossa, mas sim é obra de Deus. Ele nos convida a participarmos na sua missão de reconciliação pela partilha de nossa vida e missão interculturais. Humildemente, reconhecemos que as nossas próprias fraquezas e os nossos fracassos, tanto individuais quanto coletivos, frequentemente dificultam, em vez de ajudar, a obra de reconciliação de Deus. Tratamos de responder ao chamado para a renovação e para a conversão pessoal, comprometendo-nos (com as dimensões de evangelização mencionadas na introdução desse encontro) para que possamos responder melhor ao convite a participarmos, inclusive em pequena escala [...], no cumprimento da promessa de Deus sobre o fim dos tempos, quando veremos ... *uma multidão imensa, que ninguém podia contar, gente de todas as nações, tribos, povos e línguas. Estavam de pé diante do trono e do Cordeiro: vestiam túnicas brancas e traziam palmas na mão* (Ap. 7,9). **(Conclusão do documento do 17º Capítulo Geral SVD 2012)**



4. DE OLHO NA REALIDADE!

Dividir em grupos de 3 ou 4 pessoas para discutir as seguintes questões por uns vinte minutos e depois partilhá-las com os demais.

- a) Em nossa paróquia ou escola, todos podem perceber claramente a presença dessas dimensões do serviço de evangelização verbita?
- b) O que podemos fazer para desenvolvê-las melhor e torná-las a marca da presença verbita em nossa paróquia ou escola?

5. PARA REFLETIR!

“Arnaldo perguntava-se por que razão, na sua pátria, não tinha surgido ainda um único Seminário das Missões, que preparasse e enviasse missionários para a conversão dos “pobres pagãos”. Esta situação não podia continuar porque a ordem do Senhor era proclamada do altar: “Ide, pois, fazei discípulos meus de todos os povos...”

O contínuo ressoar destas palavras do Senhor abriu caminho na cabeça e no coração de Arnaldo Jansen para a fundação da Obra missionária de Steyl”.

*“É preciso que o mandato do Senhor também tome conta do nosso coração e da nossa mente e se transforme em resolução e encontrará com certeza formas concretas de ação e empenhamento missionário. Mas primeiro é preciso que se ilumine a nossa mente e nos arda o coração, como no episódio pascal da histórica experiência dos discípulos de Emaús. O resto virá por acréscimo”. (Jerônimo, José Hipólito. **Orar 15 dias com Santo Arnaldo Janssen à procura da vontade de Deus. Lisboa: Paulus Editora, 2010, pág. 72-73)***

6. MOMENTO DE ORAÇÃO:





Justiça e paz se abraçarão

Após algumas preces espontâneas, concluir com a seguinte oração:

Deus, Pai e Mãe, juntamente com Jesus te damos graças, porque semeaste as sementes do teu Reino em todas as culturas da terra. Concede-nos, pois, não só reconhecer essas sementes, mas favorecê-las de modo que tenham todas as condições para crescer e frutificar em qualquer criatura. Amém!

**7. CANTO FINAL: SOMOS MISSIONÁRIOS DO VERBO
DIVINO OU OUTRO À ESCOLHA!**

Esta obra foi impressa pela
Juizforana Gráfica e Editora,
com capa em papel Supremo LD 250 g/m²
e miolo em papel Offset LD 90 g/m².
Texto apresentado em Minion Pro Regular.

Juiz de Fora, abril de 2013